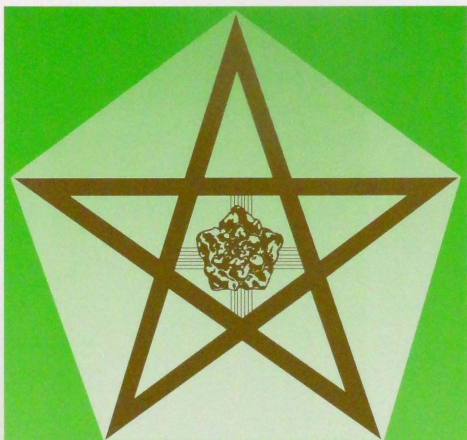


PENTAGRAMA

Revista bimestral do
LECTORIUM ROSICRUCIANUM

Ano vinte e três - Número 5



A LUZ ILUMINA
O CAMINHO

A MÚSICA E A EMOÇÃO

A ETERNA LUTA
CONTRA O MEDO

DA ILUSÃO À
VERDADEIRA VIDA

AS SENSações E O
SOFRIMENTO DA ALMA

A NOVA CONSCIÊNCIA

MAIS DE SEIS BILHÕES
DE MISTÉRIOS NÃO
ELUCIDADOS

A ÁGUA DA VIDA

“DOIS HOMENS
DESCANSARÃO...”

ESPERANÇA: A PONTE
ENTRE A FÉ E O AMOR

“TUDO AQUI ME
AGRADA, MENOS EU
MESMO”

PENTAGRAMA

A MÚSICA E A EMOÇÃO

A emoção que a beleza suscita faz vibrar uma corda sensível, mas acaba alimentando uma emoção toda individual provocada por uma impressão também individual. A emoção rompe a dura couraça da resistência. Depois disso, ela nos mergulha na solidão da nossa individualidade. Então, aos poucos a emoção vai se transformando em riso. Ela desdobra suas asas e seu vôo planado deixa no céu o traço da solidão.

Esse vôo planado raramente é um vôo agradável.



ÍNDICE

- 2 A LUZ ILUMINA O CAMINHO
- 6 A MÚSICA E A EMOÇÃO
- 11 A ETERNA LUTA CONTRA O MEDO
- 16 DA ILUSÃO À VERDADEIRA VIDA
- 19 AS SENSACIONES E O SOFRIMENTO DA ALMA
- 24 A NOVA CONSCIÊNCIA
- 27 MAIS DE SEIS BILHÕES DE MISTÉRIOS NÃO ELUCIDADOS
- 31 A ÁGUA DA VIDA
- 32 “DOIS HOMENS DESCANSARÃO...”
- 37 ESPERANÇA: A PONTE ENTRE A FÉ E O AMOR
- 40 “TUDO AQUI ME AGRADA, MENOS EU MESMO”

ANO 23
NÚMERO 5

A LUZ ILUMINA O CAMINHO

Toda criatura necessita de luz para se desenvolver. Os homens amam a luz do sol. Os animais procuram o calor da luz, as plantas se voltam para o sol, os corpos celestes descrevem uma órbita ao redor da fonte eterna de energia de onde eles provieram.

Mas como vivem as criaturas nas trevas negras como tinta? Como vivem os peixes, a quilômetros de profundidade nos oceanos? E os insetos, no fundo de grutas inacessíveis? E os animais noturnos que se escondem da luz? Pode-se realmente dizer que toda criatura necessita de luz? No Gênesis (1:3) está escrito: “*Haja Luz: e houve Luz*”. O fluxo eterno da Criação é carregado por correntes de energia que procedem da Única Luz Original. A vida depende da energia, e a energia depende da luz.

A ciência elabora hipóteses a partir de observações variáveis e se baseia em médias. Os grandes cientistas ocidentais formularam suas teses a partir de observações dos sentidos. Depois, ampliaram suas percepções graças aos instrumentos mecânicos para penetrar os segredos da natureza e da vida – o que permitiu corrigir algumas interpretações muito pessoais. No entanto, os cientistas jamais estiveram de acordo. E muitas grandes inteligências foram atacadas por mentes mais limitadas que não compreendiam grande coisa. Resultados científicos são interpretados de modo muito diferente por uns e por outros, por exemplo: vários médicos podem dar diferentes expli-

cações para uma mesma síndrome, ou um economista pode polemizar longamente com um teólogo.

Um bom número de fatos científicos é ultrapassado antes mesmo que a tinta tenha secado no papel. Assistimos à contínua modificação ou adaptação desses fatos, porque, mediante novas descobertas, as fronteiras do conhecimento sobre a vida e sua origem estão sempre se ampliando. Há uma teoria que diz que na origem da Criação só havia a luz. Essa luz se diferenciou, e a parte que não manteve a velocidade inicial diminuiu, endureceu, cristalizou e finalmente tornou-se matéria. Essa tese, do ponto de vista esotérico, provém de um conhecimento secular. E do mesmo modo que a luz se diferencia até o estado de matéria, o homem-luz original tornou-se um homem-matéria: a luz primordial transformou-se gradualmente até se tornar matéria.

A VERDADE É ETERNA E ONIPRESENTE

Porque é necessário que se redescubra uma ciência tão antiga? O lógico não seria que uma verdade fosse alcançada de uma vez por todas? Isto acontece, mas a Verdade Única nem sempre é reconhecida, apesar de ser eterna e onipresente. Ela é acessível, mas somente com a condição de descobrirmos seu fundamento dentro de nós mesmos e não de tentar percebê-la à força, por meio dos sentidos. Afinal, os sentidos têm uma coloração pessoal: eles falseiam a realidade e nunca

estão em condições de captar a Verdade em sua pureza. Eles nos dão, quando muito, um pressentimento, uma imagem, um reflexo da Verdade.

O HOMEM APRISIONADO NO CASULO DE SUA CONSCIÊNCIA

Isso nos leva a dizer que a ciência que determina as coisas pela observação sensorial, assim como a religião, tem uma abordagem completamente falsa do mistério da vida. Os sentidos dão uma imagem pessoal deformada, pois as consciências são diferentes umas das outras. O que um acha belo, o outro acha feio. Quando um sente muito calor, o outro coloca seu casaco. Quando um aprecia Bach, o outro o acha “chato”. Isso não tem um ar muito científico, mas na realidade o professor X, dotado de uma certa consciência, vai interpretar os fatos, por mais objetivos que eles sejam, segundo sua própria consciência e vai se opor ao seu colega Y, dotado de outra consciência. O termômetro mostra, por exemplo, uma certa temperatura, mas não há dois seres humanos que a sintam da mesma forma. É por isso que se diz, atualmente, em alguns boletins de meteorologia: *“a temperatura está ao redor de XX graus, mas a temperatura percebida está ao redor de YY graus”*.

Assim, cada um escreve o livro de sua vida conforme suas próprias convicções e experiências. Elas formam sua consciência, que é um sistema fechado. A consciência integra aquilo que pode utilizar e rejeita aquilo que anula



as normas e valores que adquiriu. Como isso pode acontecer? Na revista Pentagrama nº6, do ano de 1995, um artigo descreveu a formação da consciência. Podemos resumir assim: a consciência é o resultado das reações do instinto de conservação. As impressões sensíveis são passadas por um crivo, e só aquelas que são salutares para o eu são chamadas a se desenvolver. Uma outra imagem pode nos esclarecer isto: o homem material visível é parte de um sistema esférico complexo, constituído de campos energéticos, tendo, cada um, uma função; logo, ele se encontra num casulo, como a aranha d'água, que, em sua bolha de ar, vive num pequeno mundo fechado.

A Luz se oferece sob um número infinito de aspectos.



Uma parte desse sistema complexo, ou microcosmo, deverá se desenvolver. O microcosmo contém, em princípio, todos os elementos que o ser humano precisa para realizar seu aperfeiçoamento. São elementos necessários para o renascimento, o crescimento e a realização do Homem divino original dentro dele. Enquanto um ser humano se negar a realizar a evolução do microcosmo no qual ele habita, permanecerá fechado na pequena esfera de suas percepções sensoriais; e é

nos limites desse casulo que ele percebe o mundo, a vida, aquilo que o rodeia e a ele mesmo. Até o dia em que ele – aspirando com todo o seu ser à Luz, que tenta libertá-lo de sua prisão – a faz entrar, conscientemente.

A Luz penetra em sua prisão, e ele a sente como um chamado para procurar sua libertação – chamado que às vezes é fraco e inexplicável, mas às vezes é tão violento e apaixonante, que o pesquisador se precipita no conflito com todo o seu coração e com

toda a sua alma. Isso pode acontecer em diferentes níveis: um pode se voltar contra aqueles que o atormentam e travar sua luta num plano puramente biológico; outro vai traduzir seu sentimento de aprisionamento como se fosse o aprisionamento de seu grupo, de seu povo, e vai se engajar no caminho do sacrifício de si mesmo para libertar seus semelhantes. Um terceiro lutará para romper as forças que retêm sua alma na matéria. No primeiro caso, trata-se da simples tentativa de libertação do eu. No segundo, de libertação da alma do grupo; e, no terceiro, de libertação da sua própria alma. Essa luta é conduzida a partir das experiências armazenadas na prisão pessoal. Com efeito, uma série de experiências provenientes de um passado muito longínquo determina nossas motivações e nossa conduta. Somos programados pelo passado cármico, assim como pela educação e pela formação recebidas em nossa existência atual. Esses elementos condicionam nossos pensamentos, sentimentos e ações.

RESTAURAÇÃO DO EQUILÍBRIO COM A FONTE ORIGINAL

Em tudo há dois aspectos. A luta pela libertação é uma reação à Luz, em qualquer nível em que o ser humano se encontre. Enquanto ele não reconhece a Luz no interior de si mesmo e não pode adaptar-se a ela conscientemente, ele se opõe a ela, tenta fugir dela, envolve-se com as trevas. Ele se esforça para fechar o acesso à Luz que quer, entretanto, livrá-lo das trevas onde ele mesmo se fechou. Mas, se ele procurar no mais profundo de si mesmo a Luz de onde ele se originou, e perseverar contra tudo e contra todos, ele acabará por encontrá-La, pois



O sol atravessa as nuvens. Lago Maggiore, Suíça (foto Pentagrama).

Ela também o procura. Esse encontro, preparado já há longo tempo, não deixará de acontecer. Se não for na presente encarnação, chegará o momento em que, numa encarnação seguinte, um “habitante” do microcosmo acabará entendendo algo do Grande Plano de salvação. Então, o casulo se deslocará, e tudo o que constitui obstáculo à Luz será aniquilado. A harmonia entre a fonte de luz interior e a Fonte original da vida será restabelecida. Esse é o início de um novo levantar-se, que nenhuma consciência terrestre pode medir ou definir.

Tudo o que vive se desenvolve em grandes ou pequenas espirais ao redor da única Fonte de vida. O homem recebeu o poder de reconhecer a Luz no mais profundo de si mesmo e de adaptar-se conscientemente a ela, de modo a incorporar-se nela e fazer sua alma imortal juntar-se à Fonte eterna, de onde ela proveio.

A MÚSICA E A EMOÇÃO

O canto da alma

Segundo pesquisa realizada em 1999, o cidadão médio holandês dá à música o segundo lugar em importância, depois da saúde. O pianista e regente de orquestra Wladimir Ashkenazy afirma que a música, apesar de sua beleza, não produz um consolo durável face às imensas misérias da vida e do mundo.

Essa não é a expressão de uma personalidade negativa, mas de uma alma melancólica. De fato, a música não parece ser a vara que permite transpor de um salto o largo rio que separa a ilusória satisfação do desejo e sua verdadeira realização. Além do mais, durante muito tempo, a melancolia foi considerada como positiva. A partir da Idade Média, principalmente na Europa Ocidental e Central, essa tendência inspirou respeito. Em nossos dias, a melancolia é vista principalmente como um estado de alma que é preciso superar, enquanto que na Renascença era tida como qualidade espiritual.

Mais tarde, o puro ideal de beleza da Renascença cedeu lugar à cintilante ilusão do estilo Barroco, quando os sentimentos foram amplamente manifestados na arte. A representação do mundo na época barroca era racional. Segundo os conhecedores em matéria musical, os números constituíam o fundamento de todas as coisas.

Na Renascença, entretanto, ainda era freqüente colocar em música melancólicos poemas de amor com o intuito de criar certa atmosfera. É o caso de Monteverdi.

Infeliz, eu beberei as lágrimas de minha lamentosa dor, e penetrado de desgosto, como todos os amantes enganados, eu gravei no mármore, com toda a honestidade: "Que tolo é o coração que crê numa bela mulher!"

(Extraído de *Et epur dunque vero* – E contudo é verdade)

Trata-se de uma beleza que traz tudo, menos consolo!

A DUPLICAÇÃO DA NOTA FUNDAMENTAL

No século XVII, foi formulado o sistema temperado, fundamentado em princípios matemáticos e consolidado na obra magistral de Johann Sebastian Bach, *O Cravo Bem Temperado*. Esse sistema estabeleceu a equivalência dos doze semitons que compõem a oitava e que fornecem as doze notas fundamentais de todas as escalas maiores e menores.

Vamos tentar explicar: pela duplicação da freqüência vibratória de uma nota obtemos a mesma nota em um registro mais agudo. O intervalo entre esses dois sons chama-se oitava. Uma oitava é dividida em doze intervalos iguais – os semitons, ou meios tons. Cada nota resultante dessa divisão pode ser a nota fundamental de uma escala maior ou menor – de uma tonalidade do modo maior ou do modo menor. Escalas são seqüências de notas que mantêm uma certa relação fixa entre si. As escalas maiores e menores do sistema temperado são constituídas por sete notas e as

relações entre essas notas são diferentes no modo maior e no modo menor. Como esse sistema estabeleceu a equivalência dos semitons, uma nota sustentada (isto é: elevada de um semitom) e a nota seguinte bemolizada (isto é: abaixada de meio tom) têm o mesmo som: recaem sobre a mesma tecla. Uma tecla, portanto, pode servir para produzir mais de uma nota – de nomes diferentes, mas de som igual (por exemplo: o ré sustentado terá o mesmo som do mi bemol). Essa simplificação na organização dos sons foi necessária por causa do surgimento do cravo e mais tarde do piano – e em razão de seus mecanismos. Todos os outros instrumentos tiveram então que se harmonizar com eles. As tonalidades, por sua vez, também mantêm relações de afinidade fixas entre si, o que deu nascimento às maravilhosas modulações que somente foram plenamente exploradas na época romântica. A tonalidade foi assim estabelecida e começou a triunfar com Monteverdi e Purcell.

Em *Oferenda Musical*, Bach nos faz ouvir o que chamamos de movimento retrógrado – principalmente no *Canon per tons*, em três vozes. As modulações sucessivas dessa composição conduzem o ouvido a domínios desconhecidos e sentimos que estamos nos afastando desesperadamente do ponto de partida, quando – de um modo quase mágico, após precisamente seis dessas modulações – volta o tom inicial: Dó menor.

O que é típico na expressão musical de Bach, aliás, é a tendência ao recolhimento, uma atmosfera de mansidão que desperta as pessoas e que também permite que sintam essa música livres da emoção religiosa. Muitos ouvintes podem apreciar em alto grau a *Paixão Segundo São Mateus* sem serem crentes no



sentido tradicional da palavra. Eles não a apreciam somente por mero prazer nem se inebriam de sentimentalismo, embora sejam verdadeiramente tocados. A música de Bach representa, sem dúvida, um critério superior de beleza e aspiração, graças ao seu ritmo regular. Foram muitas as tentativas para compará-la ao jazz, porque é impressionante que ela não tenha necessidade de divisões rítmicas. Muita percussão mataria a sutileza dessa música.

CONSEQÜÊNCIAS MATEMÁTICAS NA MELODIA E NO RITMO

É a pulsação que parece suscitar a emo-

A música pode nos elevar
Rättvik, Suécia.
(foto Pentagrama).

ção. O misterioso desenrolar do compasso prepara o ouvinte para uma emoção que toca seu estado de alma. Bach desarma e desencoraja sutilmente todas as problemáticas e objeções por parte das pessoas avessas a este tipo de música. É como se essa música fizesse ouvir uma nova ordem, ainda que secular, que teria relação com uma certa missão a ser realizada pelo ser humano, cujo retiro em si mesmo e uma reservada modéstia seriam apenas o começo: uma mansidão que evita a armadilha da melancolia que emana do movimento rítmico; a entrega que provém do sistema temperado e de uma inteligência que flutua livremente surgiu como primeira reforma do homem ocidental.

Assim, o balanço se torna uma harmonia perfeita com conseqüências lógicas e aritméticas na melodia e no ritmo; e ele convida ao movimento totalmente conjunto da consciência da cabeça, do coração e das mãos. Com isso, a melancolia cede e se dissolve no todo. Assim como o bom humor é considerado uma vitória sobre a tristeza, assim também o balanço de Bach pode ser qualificado de vitória sobre a melancolia. É como se Bach tivesse sido inspirado por um outro campo energético e uma matemática superior: como se ele respirasse na pureza pitagórica.

Pitágoras, que não era apenas cientista e filósofo, mas também descobriu a harmonia na música, afirmava que o número inteiro era o fundamento dos intervalos. No último século, o matemático americano Kurt Gödel confirmou que números inteiros têm propriedades especiais: quer dizer que eles são um pouco mágicos. Isto esclarece com outra luz a Cabala e os *Sephirots* da tradição judaica, que dão testemunho de uma realidade superior mágica, no meio da qual o homem está mergulhado sem ter consciência disso.

A propósito da revolução que Gödel provocou, é preciso se reportar ao livro intitulado *Gödel, Escher e Bach*, que coloca a grande renovação operada por Bach numa perspectiva histórica, mate-

mática e musicológica. Com *O Cravo bem Temperado*, Bach também resolveu o problema da descontinuidade após o mi e o si, dificuldade que existia desde Pitágoras.

INSPIRADO PELA HARMONIA DAS ESFERAS

Como explicar a sutileza do ritmo da música de Bach? Na medida em que a pureza de sua inspiração é combinada com o número inteiro! O livro *Bach e o número* faz referência ao equivalente numerológico do nome Christian Rosenkreuz. Os autores, Kees van Houten e Marinus Kasbergen, destacam que, por meio da reunião de dois grupos de sons, as letras ICH se transformam em CR. Ou seja: “eu” (em alemão “Ich”) se transforma em Christian Rosenkreuz (ou, abreviadamente, CR). No entanto, isto não significa que Bach era um rosacruz.

Segundo o ensinamento da Rosacruz Áurea atual, a auto-rendição e a mansidão podem efetivamente permitir que Cristão Rosacruz tome o lugar do “eu”. Mas resta saber se isso tem alguma relação com a simbologia dos números. Um compositor como Bach foi sem dúvida inspirado pela harmonia das esferas, domínio acessível a todos os que renunciavam ao seu “eu” para descobrir em si mesmos o homem-alma: Cristão Rosacruz.

O contemporâneo de Bach, Leibniz de Hannover, escritor polígrafo, filósofo e homem de ciência, afirma que “a música é a arte secreta de calcular da-quele que conta inconscientemente”. Isso vai mais além, naturalmente. Talvez pudéssemos dizer melhor: que a harmonia das esferas representa uma ordem onde – como conseqüência de uma justa harmonia – a lógica e a medida correta aparecem naturalmente. E não será aqui que se encontra a relação com Pitágoras? Fazer tudo “com medida” de um lado, e “com consciência” de outro lado. A propósito do que precede, Pitágo-

ras disse: “*Nunca façam algo que não compreendam*”.

Como isso se dá no Romantismo? Embora Bach tenha vencido a melancolia e animado suas composições com um ritmo característico, os românticos não o seguiram. Queriam viver de forma grandiosa, apaixonada e exultante, animados por sensações e sentimentos os mais verdadeiros possíveis: esta era uma consequência natural da crítica ao estilo barroco. Cada suspiro de um *lamento* barroco, diziam eles, esconde um efeito calculado. Tudo é forçado, somente a atuação é sincera. Portanto, o estilo barroco também marcou a época da assim chamada “paixão estudada”.

Os românticos experimentaram profundamente o jogo das terças e sextas maiores e menores para expressar a paixão. Nesse sentido, somente Schubert soube reduzir as passagens de um modo para outro, o que lhe permitiu evitar, ao mesmo tempo, as mutações da beleza e a cilada da exaltação apaixonada. É como se, emanando da modestia de sua personalidade, a beleza e o gênio ressoassem. Mas a aspiração permanece... em modo menor... como conhecimento, somente idéia da ausência de verdadeiro consolo.

Quando perguntaram a Wladimir Ashkenazy, no programa “A Beleza e o Consolo”, pela terceira vez, se a música e, principalmente, a beleza que dela emana, trazia verdadeiramente uma consolação, ele respondeu pela terceira vez que a vida era imensa demais e que a realidade era muito complexa para que a música pudesse oferecer um consolo definitivo. Essa resposta certamente é um testemunho dos espantosos episódios da história musical da Rússia. E principalmente dos sofrimentos que alguns compositores tiveram de suportar durante o terror stalinista, como Shostakovich, por exemplo, sempre ameaçado de ter de abandonar seu apartamento. Ashkenazy queria poder dar esperanças aos seus semelhantes e não a consolação – pois, o pianista e regente conhecia bem demais o vazio, a solidão e os grandes sofrimentos da humanidade.

Principalmente, na Rússia, antes de 1989.

O DESEJO DE BELEZA NUNCA SATISFEITO

Ashkenazy também estava consciente da insuficiência da beleza, e que a emoção que a falta da beleza provoca dura só uns instantes, quase sempre no próprio momento da impressão, e se dissipa rapidamente. Afinal, tanto na música quanto em outras situações, a beleza provoca emoção e aspiração, mas nenhum consolo ou saciedade. Mesmo quando Mahler prolonga suas obras e nos preenche de beleza atemporal, suas sinfonias precisam terminar num dado momento! E a aspiração do ouvinte nunca fica satisfeita de forma duradoura.

Será que isso poderia ser de outra forma? A emoção que a beleza suscita faz vibrar uma corda sensível, mas acaba alimentando uma emoção toda individual, provocada por uma impressão também individual. A emoção rompe a dura couraça da resistência. Depois disso, ela nos mergulha na solidão da nossa individualidade. Então, aos poucos, a emoção vai se transformando em riso. Ela desdobra suas asas e seu vôo planado deixa no céu o traço da solidão. Esse vôo planado raramente é um vôo agradável.

Mas, o que dizer de uma emoção coletiva, como a que provoca em nós a *Ode à Alegria* de Beethoven, ou o chamado que emana da música maçônica de Mozart para formar uma fraternidade mundial? São emoções fortes, mas – podemos nos perguntar – será que elas vêm unicamente da música? Aquilo que provoca emoção em alguns provoca sentimentalismo em outros, ou até pior: pode causar vulgaridade. A emoção está próxima das lágrimas. Ora, as lágrimas são frequentemente reprimidas. E a emoção também é paradoxal, pois ficamos comovidos de não ficarmos comovidos!

Quando a beleza provoca muitas emoções interiores, perdemos o rumo,

perdemos o pé, e então... somos tocados. Se não pudermos equilibrar as emoções, as lágrimas não param de correr – como, por exemplo, durante um enterro ou em uma cremação: alguns, que mal conhecem a pessoa que morreu, deixam-se vencer pela atmosfera de luto.

Quando Cristo diz: “*Não vos perturbeis, mas tende fé em Deus*”, isto não se trata de um mandamento, mas de uma incitação à firmeza. Em outras palavras: é preciso não perder de vista a bússola interior.

Essenciais e autônomos: assim são os impulsos que a música desperta. Para dizer a verdade, todos os românticos se perdem em grandes aspirações. Às vezes, é difícil discernir se a música romântica expressa uma grande aspiração, ou se foi somente sua beleza que a fez nascer. Aliás, essa beleza pode também ser simulada. Quando os românticos rejeitaram um confronto consciente com as dissonâncias acentuadas, isto também não os auxiliou. É com razão que o compositor holandês Peter Schat declarou: “*O importante não é discriminar a consonância, mas emancipar a dissonância*”.

E aqui estamos em meio aos pedaços da realidade rompida. Antes se dizia que o mundo era “um vale de lágrimas”. No entanto, parece que não tem sentido recolher os pedaços da realidade estilhaçada. Os neo-românticos que vieram depois de Rachmaninoff, Mahler e Sibelius, provavelmente nada acrescentaram. O renascimento da escola romântica foi levado a cabo principalmente para reproduzir o gênio e articular o ritmo, e também para manter a atenção do ouvinte e distraí-lo. Mas a aspiração e a emoção já não ressoavam nessa música.

Assim, para Ashkenazy, a beleza musical não pode oferecer um consolo definitivo. Conseqüentemente, a aspiração pura não está fora de cogitação: muito pelo contrário. O fato de que a pura aspiração não pode ser saciada mostra que o homem deve ter outra dimensão, que deve tornar-se outro

homem, um homem interior.

ELEVAÇÃO MEDIANTE NOVOS VALORES E NOVA INSPIRAÇÃO

Segundo a Rosacruz Áurea, o ser humano aspira por valores e por uma vivificação que o fará sair do “vale de lágrimas” da realidade rompida. Esse desejo nasce de um estado de alma tocado pela verdadeira beleza. É lógico que um desejo como este não é a projeção pessoal de um romântico “apaixonado”. Em *A Flauta Mágica*, Mozart mostra admiravelmente a diferença entre Papageno e Papagena, de um lado, e Tamino e Tamina, de outro. O que está no centro de tudo é a aspiração espiritual de Tamino, que o guia e faz calar seu desejo de um amor pessoal. Mas ele não faz isto sem emoção e, portanto, tudo isso continua sendo bem humano. Beethoven, Debussy, e muitos outros tentaram expressar algo como uma dimensão espiritual, dando a entender um aspecto não-pessoal que ultrapassa toda e qualquer cultura. Em uma entrevista, o cantor Dietrich Fisher Dischkan levantou-se contra o prazer das aspirações insaciáveis, contra o fato de alguém se manter em uma negatividade patética, perdendo-se na embriaguez romântica: afinal, aí só existe sentimentalismo – e mais nada. Na verdade, é impossível alguém progredir nesse mundo ou elevar-se acima desse vale de lágrimas. Por isso, é preciso deixar-se inspirar pela “harmonia das esferas”: afinal, nenhuma sinfonia para orquestra pode nos elevar a esse nível.

Entretanto, a pura aspiração que, às vezes, a música desperta, é capaz de nos impulsionar nessa direção.

Fontes:

Gödel, Escher e Bach, em ewigige gouden band. Douglas R. Hofstadter, uitg. Contact, Amsterdam, 1985

Bach en het getal. Kees van Houten en Marinus Kasbergen. Walburg Pers, 1985.

A ETERNA LUTA CONTRA O MEDO

Todos os mitos a respeito da criação mostram que o homem abandonou as leis divinas e trabalhou para sua própria elevação e glorificação, para fazer de si mesmo um deus. O eu que se desenvolveu a partir dessa ilusão de grandeza, fechou-se em uma existência isolada, e em seguida pôs-se a lutar para transpor as fronteiras de seu isolamento.

No livro *O Silmarillion*, J.R.R. Tolkien faz assim a descrição da criação:

E aconteceu de Illúvatar reunir todos os Ainurs e lhes indicar um tema poderoso, desdobrando para eles coisas ainda mais grandiosas e esplêndidas do que havia revelado até então; e a glória de seu início e o esplendor de seu final tanto abismaram os Ainurs, que eles se curvaram diante de Illúvatar e emudeceram.

Disse-lhes então Illúvatar: "A partir do tema que lhes indiquei, desejo agora que criem juntos, em harmonia, uma Música Magnífica. E, como eu os inflamei com a Chama Imperecível, vocês vão demonstrar seus poderes ornamentando esse tema, cada um com seus próprios pensamentos e recursos, se assim o desejarem. Eu porém me sentarei para escutar; e me alegrarei, pois, através de vocês, uma grande beleza terá sido despertada em forma de melodia."

E então as vozes dos Ainurs, semelhanças a harpas e alaúdes, a flautas e trombetas, a violas e órgãos, e como inúmeros coros cantando com palavras começaram a dar forma ao tema de Illúvatar, criando uma música magní-

fica; e surgiu um som de melodias em eterna mutação, entretecidas em harmonia que transcendia a audição, alcançando as profundezas e as alturas; e os locais de moradia de Illúvatar encheram-se até transbordar; e a música e seu eco saíram para o Vácuo, e este não estava mais vazio. Nunca, desde então, os Ainurs fizeram uma música como aquela, embora tenha sido dito que outra ainda mais majestosa será criada após o final dos tempos diante de Illúvatar pelos coros dos Ainurs e dos Filhos de Illúvatar. Então, os temas de Illúvatar serão executados corretamente, e passarão a Ser no momento em que forem pronunciados, pois todos compreenderão então plenamente o intento de Illúvatar na parte de cada um e cada um conhecerá a compreensão do outro; e Illúvatar, sentindo-se satisfeito, concederá a seus pensamentos o fogo secreto.

Agora, porém, Illúvatar, sentado, escutava, e por muito tempo aquilo lhe pareceu bom, pois na música não havia falha. Mas, enquanto o tema se desenvolvia, surgiu no coração de Melkor entremear motivos da sua própria imaginação que não estavam em harmonia com o tema de Illúvatar; e com

J.R.R. Tolkien concebeu o Silmarillion como uma compilação de narrativas que foi realizada a partir de fontes muito diversas: crônicas, poemas, tradições orais, lendas, do que ele aproveitou para exprimir seus pensamentos profundos. Seu filho, C. Tolkien, editou esta obra quatro anos depois de sua morte

isso procurava aumentar o poder e a glória da parte a ele designada. A Melkor, entre os Ainurs, haviam sido concedidos os maiores dons de poder e conhecimento, e ele ainda tinha um quinhão de todos os dons de seus irmãos. Frequentemente ele ia sozinho pelos espaços vazios em busca da Chama Imperecível, pois ardía nele o desejo de que suas próprias coisas viessem a Ser; e a seus olhos Illúvatar não dava atenção ao Vácuo, ao passo que Melkor se impantentava com seu vazio. E no entanto ele não encontrava o Fogo, pois este está com Illúvatar. Estando sozinho, porém, tinha começado a conceber pensamentos próprios, diferentes daqueles de seus irmãos.

Alguns desses pensamentos ele agora entrelaçava em sua música, e logo a dissonância surgiu ao seu redor. Muitos dos que cantavam próximos a ele perderam o ânimo, seu pensamento foi perturbado e sua música vacilou; mas alguns começaram a afinar sua música com a de Melkor, em vez de afiná-la com o pensamento que haviam tido no início. Espalhou-se então cada vez mais a dissonância de Melkor, e as melodias que haviam sido ouvidas antes soçobraram num mar de sons turbulentos. Illúvatar, entretanto, escutava sentado até lhe parecer que em volta de seu trono bramiam uma tempestade violenta, como a de águas escuras que guerrejavam entre si numa fúria incessante que não queria ser aplacada.

Ergueu-se então Illúvatar, e os Ainurs perceberam que ele sorria. E ele levantou a mão esquerda, e um novo tema surgiu em meio à tormenta, semelhante ao tema anterior e ao mesmo tempo diferente; e ganhava em força e apresentava uma nova beleza. Mas a dissonância de Melkor cresceu em tumulto e lutou contra ele. E novamente houve uma guerra sonora, mais violenta do que antes, até que muitos dos Ainurs ficaram consternados e não

cantaram mais, e Melkor pôde ter a supremacia. Ergueu-se então novamente Illúvatar, e os Ainurs perceberam que sua expressão era severa. Ele levantou a mão direita, e vejam! Um terceiro tema cresceu em meio à confusão, diferente dos outros, pois, de início parecia terno e doce, um singelo murmúrio de sons suaves em melodias delicadas; mas que não podia ser subjugado e acumulava poder e profundidade. E afinal pareceu haver duas músicas progredindo ao mesmo tempo diante do trono de Illúvatar, e elas estavam completamente em desacordo. Uma era profunda, vasta e bela, mas lenta e mesclada com uma tristeza incomensurável, da qual sua beleza principalmente se originava. A outra havia agora alcançado uma unidade própria; mas era barulhenta, fútil e infundavelmente repetitiva; tinha pouca harmonia, antes um som unísono e clamoroso como o de muitas trombetas soando apenas com algumas notas. E procurava abafar a outra música com a violência de sua voz, mas suas notas mais triunfais pareciam ser adotadas pela outra e eram entremeadas em seu próprio arranjo solene.

No meio dessa contenda, na qual as mansões de Illúvatar sacudiram, e um tremor se espalhou, atingindo os silêncios ainda imóveis, Illúvatar ergueu-se uma terceira vez, e sua expressão era terrível de se ver. Ele então levantou as duas mãos, e num único acorde, mais profundo que o Abismo, mais alto que o Firmamento, penetrante como a luz do olho de Illúvatar, a Música cessou.

O CÍRCULO VICIOSO DO NASCIMENTO E DA MORTE

Vemos aqui que o homem foi um fator perturbador da Criação pela sua

ilusão de grandeza e conseqüente ego-centrismo. É por causa disso que ele teve, obrigatoriamente, que deixar seu domínio original e viver numa ordem inferior. Arrastado incessantemente no círculo vicioso do nascimento e da morte, seu microcosmo roda em círculos neste mundo até que se apresente uma chance dele retornar à sua pátria original. Ele não tem descanso, pois duas vozes falam nele: a voz divina e a que vem da visão de seu próprio poder. O microcosmo precisa encarnar sempre de novo, para finalmente conquistar o instrumento de seu retorno à origem. Esse instrumento é a Alma capaz de elevar-se acima dos limites da vida terrestre: a Alma que triunfa sobre a morte.

Cada novo habitante do microcosmo cai direto num campo de batalha, onde o Ser Original divino e o ser humano extraviado ficam face a face. Para este último, isso representa uma contínua situação de guerra e de paz. Dentro dele se confrontam – para adquirir o poder – Luz e Trevas, Bem e Mal.

Como Deus não quer abandonar sua criatura errante, Ele estabeleceu para ela um plano de desenvolvimento, um plano de retorno, a fim de lhe indicar o caminho que a fará retornar a Ele, e de lhe dar a possibilidade de seguir esse caminho.

Há muitas visões divergentes a respeito desse plano de desenvolvimento. No livro *Filosofia Elementar da Rosacruz Aurea*, Jan van Rijckenborgh explica que se trata de uma involução e de uma evolução: *“Este processo de involução teve início com o estabelecimento das bases de uma nova personalidade não divina. Todos os ensinamentos esotéricos antigos iniciam a descrição da marcha da humanidade nesta fase da queda. Durante o período chamado de Saturno estabeleceu-se o núcleo de um novo corpo físico; no*

período solar formou-se o núcleo de um corpo etérico novo; durante o período lunar foi estabelecido o núcleo de um novo corpo astral; e durante o período terrestre foi estabelecido o núcleo de um novo corpo mental. Todo este processo encontra-se atualmente finalizado. O homem possui uma personalidade, uma estrutura material, mas não a que Deus planejou. Esta personalidade foi dada para que pudesse encontrar o caminho de volta.”

FORMAÇÃO DO INSTRUMENTO

Os períodos em questão compreendem milhões de anos. Na época lemuriana, na era da Terra, os homens eram seres quase sem forma. Eles não possuíam a inteligência atual. Todos seus feitos e gestos giravam em torno da conservação de sua própria existência. Precisavam espancar, transpassar e submeter os outros para assegurar a própria sobrevivência de uma maneira inimaginável para nossa época. O medo ancestral que permanece em cada um de nós é um vestígio dessa época, época necessária para formar a consciência da bacia e começar a individualização.

Na época da Atlântida foi vivificada a consciência do coração, de onde surgiu a atividade dos sentimentos. Assim, o homem atlante era guiado pelos símbolos que exprimiam esta atividade. No período ariano, desenvolveu-se a consciência cerebral. O sistema cerebral foi formado a fim de ser o instrumento para a compreensão do plano de desenvolvimento.

O corpo material foi constituído no período lemuriano e o homem tomou consciência deste revestimento. O crescimento da consciência da bacia tornou possível a reprodução pela



união dos corpos. O crescimento da consciência do coração tornou possível a união mística com as forças divinas, mesmo que ainda por meio de símbolos. Mas foi somente depois de longo tempo que todos puderam erguer o véu que escondia o coração – o que nem sempre acontece ainda hoje. Em sua arrogância, o ignorante e o cego qualificam de mentiroso aquele que sabe o que quer, enquanto que são eles que negam e nada sabem. É a arrogância que sempre fomenta dissensões e guerras.

No período ariano formou-se a consciência cerebral, com a finalidade de unir cabeça e coração. Mas da mesma forma que em todas as fases anteriores, houve muita incompreensão a este respeito. Como resultado, houve tantas lutas, que este objetivo não foi alcançado. Muitas fraternidades se esforçaram, então, para salvar os que ainda poderiam ser salvos e para preservar a humanidade de uma queda mais profunda. A chama foi sendo continuamente transmitida a novos grupos

de pioneiros, que sempre de novo se empenhavam na salvação dos homens extraviados.

PARA QUE TANTO ESFORÇO?

Como foi dito, o período da Atlântida serviu para o desenvolvimento místico da consciência do coração, como fundamento da formação positiva do cérebro. Mas o desejo de ser um deus parece ter sido tão fortemente arraigado no homem que a mudança fundamental ainda não lhe foi possível. Ele não pôde alcançar o novo pensamento, finalidade da época ariana. Seu desenvolvimento planejado não deu o resultado esperado. Enganado pela ilusão do eu e do medo, ele seguiu sempre de novo caminhos errantes. Em nossa época, se nota claramente o resultado desse extravio. Medo, angústia e preocupação são sempre as correntes que nos ligam ao nosso longínquo passado. Quem quiser sair desse sombrio circuito precisa empreender o caminho que faz o microcosmo retornar ao ponto de partida, em harmonia com o plano divino.

Harmonia, ausência de luta e o voltar-se para a Força divina são os pilares desta transformação absoluta. Mas a maior parte dos seres humanos volta para o campo de batalha pelas mínimas coisas. Eles combatem entre si para obter a felicidade. Eles atacam um suposto inimigo, defendendo-se dos ataques que, geralmente, não passam do produto de um erro de seu próprio cérebro. Por quê? Porque, bem no fundo de si mesmos, continua latente a idéia de que um dia eles serão deuses, e a falsa interpretação dessa idéia os arrasta de uma queda para outra. O homem só vê a si mesmo por causa dessa vontade de poder egocêntrico. Ele só tem consciência de si mesmo e

quer impor sua vontade, o que provoca o conflito. O medo ancestral faz sentir a falta de alguma coisa. Ele precisa se livrar desse medo, aniquilá-lo, renunciar a si mesmo. Enquanto essa tempestade não se acalmar não poderá haver harmonia nem ausência de luta. O núcleo divino do microcosmo permanece oculto.... até o momento em que, segundo o Evangelho, “*Jesus sobe no barco e acalma a tempestade*”.

“AQUELE QUE CONHECE A
SI MESMO É ILUMINADO”

O ser humano não só é chamado para a liberdade, como também é capaz de encontrar a liberdade interior. Na Epístola aos Gálatas lemos esta advertência: “*Porque vós irmãos, fostes chamados à liberdade. Não useis, então, da liberdade para dar ocasião à carne, mas servi-vos uns aos outros pela caridade. Porque toda a lei se cumpre numa só palavra, nesta: Amarás o teu próximo como a ti mesmo. Se vós, porém vos mordeis e vos devorais uns aos outros, vede que não vos consumais também uns aos outros. Digo, porém: Andai em Espírito e não cumprireis os desejos da carne. Porque a carne cobiça contra o Espírito e o Espírito contra a carne e estes opõem-se um ao outro; para que não façais o que quereis.* (Gálatas, 5:13-17)

A alma original deve ter a liberdade de tomar o lugar da personalidade egocêntrica. Não se trata da liberdade aparente pela qual os homens lutam e inúmeros deram a vida. Somente a Alma, filha de Deus, pode ser verdadeiramente livre, se a personalidade egocêntrica lhe conceder essa liberdade de todo o coração – e se retirar! Enquanto ela não conseguir compreender isso, sempre se formarão grupos para exercer seu poder e impor sua vontade

“*Quem conhece os outros
é perspicaz. Mas quem conhece
a si mesmo é iluminado.*”

“*Quem vence os outros
é forte. Mas quem vence
a si mesmo é todo-poderoso.*”

Tao te King, cap. 33

à humanidade, por meio do constrangimento ou do fanatismo. Assim, muitos continuarão prisioneiros de seus próprios ideais ou dos ideais dos outros: ideais humanitaristas, nacionalistas ou materialistas.

É por isso que Lao-Tsé diz:
“*Quem conhece os outros é perspicaz.
Mas quem conhece a si mesmo é
iluminado.*”

“*Quem vence os outros é forte.
Mas quem vence a si mesmo
é todo-poderoso.*”

DA ILUSÃO À VERDADEIRA VIDA

O homem do nosso tempo sabe que seu ser é mortal e vive das ilusões que a vida oferece. A palavra ilusão se refere às aparências, aos sonhos, às imagens mentais que ele persegue e que nunca se realizarão como ele espera.

A vida de um homem satisfeito, nos dias atuais, é determinada pelos seus sentidos. Mas os sentidos são enganadores. Eles o fazem ver um mundo, que à luz da eternidade, só tem uma existência breve e, por conseqüência, não existe. Os sentidos recebem estímulos que se transformam em impulsos transmitidos à consciência. A consciência os passa através de um crivo: o que se afina com ela é conservado e o que não se afina é recusado.

Os sentidos atacam a consciência num fluxo impetuoso de impressões de um presente irreal. O homem que procura manter-se na vida cotidiana recebe essas impressões e as “rumina”. Sonha com elas e, assim sendo, deixa-se enganar por mais tempo ainda. Finalmente, sente que suas esperanças se afastam tanto do ponto de partida, que sua realização suscita imagens e efeitos indesejáveis. Assim, com freqüência, dá-se o contrário do que se esperava alcançar inicialmente.

Naturalmente, muitos métodos foram elaborados a fim de reforçar e interpretar as impressões sensoriais e para que elas correspondessem mais à vida cotidiana. Tais métodos são praticados especialmente no ensino e na publicidade. Graças a eles, a concha da ilusão na qual o homem está fechado

torna-se cada vez mais espessa, e o resultado é que ele mesmo, com tudo que o rodeia, toma este mundo fechado como sendo a realidade.

A consciência assim formada aprende a distinguir o que ela própria denomina “ilusão” e o que ela tem por hábito considerar como “a verdade”. Essas duas noções variam na medida em que progride a cultura dominante. Assim, para um, a vida cotidiana pode parecer uma realidade cruel em que o ser humano está mergulhado, pois tem de lutar por sua família, traçar seu caminho na vida, e lutar pelo seu ideal. Ele está sempre procurando novos métodos para se manter na existência e agarrar-se ao que considera a “verdade”. Mas, para seu vizinho, a mesma verdade pode parecer irreal e ilusória; e ele dirá à sua esposa: “Olha só como ele luta até a morte, mas isso não leva a nada! Que loucura!”. Enquanto isso, um terceiro caçoará dessas “sábias palavras” por achar que nenhum deles tem razão porque são levados por concepções ilusórias. Os seres humanos se combatem a golpes de ilusões que são forjados por eles mesmos.

A REALIDADE APARENTE DETERMINA A VIDA

O mundo das ilusões é construído e mantido pelo desejo de conservar a vida. Assim o homem se afasta do mundo verdadeiro, que está completamente fora do mundo das ilusões. Para ele, só contam as percepções pessoais, e ainda passadas pelo crivo de sua consciência. Esta é a “realidade” que deter-



mina a sua vida. É uma realidade temporal que desaparece com a chegada da morte.

Entretanto, há também a realidade eterna, sobre a qual a morte não tem nenhum poder; trata-se do mundo das almas imortais. É por isso que a Rosacruz gnóstica, por exemplo, faz claramente a distinção entre mundo mortal e mundo eterno, entre alma mortal e alma eterna. A fronteira é tão espessa, que a vida mortal não pode

alcançar a realidade da vida imortal – e muito menos imaginá-la, mesmo quando a vida pessoal, construída com tanto carinho, começa a mostrar suas falhas. Isso acontece quando o mundo das ilusões – que às vezes são muito fortes – é rompido pela tristeza e a dor, a doença e o fracasso, más condições sociais ou guerra. Nesse momento, as ilusões são atacadas, rompidas e, com frequência, substituídas por algo novo. A consciência é

O espelho reflete a imagem da realidade sem tomar parte nela (J.A. Muenier, Galeria Rogalinska, Pozan, Polónia).

enfraquecida e surgem novos caminhos, seguidos por novas percepções. Quando a personalidade, o eu, está completamente curada de suas antigas ilusões, ela se abre para novas impressões. Apresentam-se, então, experiências inéditas que finalmente podem levar a uma vida totalmente nova.

ESCOLHER A CADA PASSO ENTRE MENTIRA E VERDADE

Se a “realidade” então descoberta é efetivamente nova, ela deve ainda revelar-se na prática, pois temos a tendência de guardar o que já possuímos e conservar a confiança nos valores passados. Nesse caso, a pessoa construirá outra imagem do mundo mas com o auxílio dos antigos valores levemente revisados. E assim, sua vida continuará prisioneira de um novo ciclo de ilusões.

Se alguém cansou-se e está desgostoso com as tristezas da vida cotidiana, é preciso que aprenda a ouvir os impulsos interiores que querem libertá-lo desse “vale de lágrimas”. Mas se seus interesses pessoais sufocarem sistematicamente essa voz interior, suas ilusões o aprisionarão ainda por muito tempo. Porém, se ele abrir mão dos interesses pessoais e der espaço ao Apelo da eternidade, sua alma poderá despertar do seu sono de morte. Ela receberá então a oportunidade de se desenvolver e alçar vôo acima da fronteira que separa a morte da vida.

Para quantas pessoas a vida se tornou um deserto onde se corre de uma ilusão para outra? Todo ser humano é chamado para mudar essa corrida aparentemente sem saída – e a não mais satisfazer seu desejo, sua fome de conhecimento, com imagens fantasmagóricas. A cada passo na vida, somos colocados diante da escolha entre a verdade e a mentira, entre o mundo divino da origem e o mundo que se desgarrou dele. Aquele que se

tornou consciente disso, e que também aprendeu conscientemente a escolher a direção certa, abandonará gradativamente suas ilusões, pois ele será atraído pela pura imagem original de sua própria vida. Esta imagem, deverá crescer, evoluir, tornar-se bem forte para poder eclipsar e aniquilar a imagem da mentira.

Todos nós recebemos o poder de conseguir isto, e esse poder começa a agir no momento em que aprendemos a furar a enorme bolha de sabão das ilusões e começamos a ver a “verdade”, depois de termos aniquilado todas as aparências. Então, novas possibilidades se abrem, novas chances são ofertadas, e a questão se resume em saber se elas serão ou não aproveitadas. Assim como um músico não pode manifestar o domínio de sua arte sem ter adquirido plena experiência, assim também é preciso aprendermos a ver o que nos engana e escolhermos o que pode nos conduzir à grande meta da vida. Cada um está capacitado a isso sobre a base de uma muito grande e intensa experiência, sobre o sentimento experimentado de que a existência cotidiana, por mais bela que seja, é uma ilusão, e que só o Divino original é a Única Realidade.

AS SENSACIONES E O SOFRIMENTO DA ALMA

A humanidade procura estímulos cada vez mais potentes para aumentar o prazer de viver e satisfazer uma fome que sempre é reavivada. Um desejo profundo, degenerado, que virou caricatura. Ela vive correndo atrás de um mundo intangível, que ela não conhece mais.

O termo “sensação” vem do latim: “*sensio*”, sentir, ressentir, perceber. A “sensação”, no sentido de “acontecimento espetacular”, tornou-se moda no século XVIII, quando passou a ter o sentido de excitação e estímulo. Surgiu, então, o romance sensacionalista como nova forma literária. Em um contexto emocional, foram inseridos fatos perceptíveis pelos sentidos, descobertas científicas incríveis, mistérios que ainda eram inexplicáveis – que vinham geralmente com um pano de fundo mitológico, para dar um tom de romantismo. Tentou-se, assim, satisfazer a necessidade da excitação dos sentidos, mas sempre dentro de um contexto de elevada moralidade. Em seguida, os princípios ruíram, os limites da moralidade foram ultrapassados e foram emitidas blasfêmias chocantes, em toda consciência, que se transformaram em fórmulas mágicas. O que antes era um direito ou privilégio individual, agora está sendo derramado em cima de um grande público, e está sendo consumido avidamente.

Atualmente, as pesquisas demonstram que a maioria das pessoas, baseadas em todo tipo de motivos edificantes, volta-se contra a nova onda dos deploráveis programas da mídia, mas,

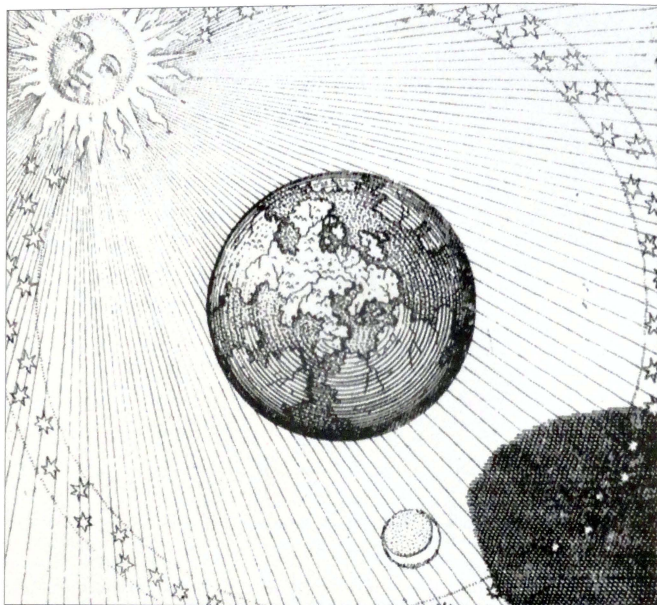
como ninguém pode nada contra eles, os maiores adversários acabam se deixando envolver, aliás, com boas desculpas. Na verdade, há uma tendência coletiva a admitir estímulos que estão se insinuando cada vez mais e são cada vez mais vulgares, e que giram em torno dos impulsos fundamentais.

ESTAGNAÇÃO DO DESENVOLVIMENTO DA CONSCIÊNCIA

Como o homem tão altamente civilizado pode se deixar arrastar por uma baixeza dessas? Será que é assim que ele procura o que existe no fundo de si mesmo? Ou será que ele não está procurando apenas preencher o enorme vazio do bem estar material com excitações sensoriais cada vez mais estimulantes? Será que é isto que significa “progredir rumo a uma nova humanidade”? Ou será que isto não é justamente a extinção de todas as luzes interiores de uma vida superior que se tornou impossível? Mas, quem sabe, não será preciso também chegar ao ponto mais baixo para descobrir os valores superiores? No entanto, muitos têm o desejo, confessado ou não, de um ideal espiritual que poderia libertá-los das exigências do corpo. A individualidade do pesquisador se opõe à uniformidade vulgar. Em nossa época, meios cada vez mais grosseiros atacam, combatem, sufocam e procuram matar esta individualidade, exatamente como em um regime totalitário.

Quando duas coisas antagônicas estão uma diante da outra, outra ação

O fogo do sol é necessário para fazer desaparecer as impurezas das trevas (*Atalanta Fugiens*, Michael Mayer, 1638).



vem em seguida. Pois bem. Entretanto, quem não ousa tornar-se ciente do atual desprezo pelas normas superiores e se deixa levar na roda-viva de uma vida cotidiana completamente degradada, fecha-se cada vez mais aos estímulos que poderiam elevá-lo acima da vida simplesmente biológica, e o crescimento de sua consciência estaciona.

Um novo período, como o início deste século XXI, sempre emociona a muitos. Fala-se muito do novo milênio, e sempre foi assim. No início do primeiro milênio, milhares de combatentes ouviram o chamado para a Cruzada e foram para os campos de batalha para combater os “pagãos”, impulsionados pelo sentimento de um grande ideal para ser defendido. Mas, sob a influência da civilização árabe, muito

mais desenvolvida, os sobreviventes inauguraram na Europa o novo período cultural da Idade Média, que foi um novo estímulo que lhes permitiu escapar da cultura existente. No começo do século XX, a teosofia e a antroposofia deram novos impulsos à cultura ocidental, que se traduziram em outros modos de comportamento e novos estilos na literatura, na arte, na música e na arquitetura. Os que tomavam parte dessa mudança, viviam com a sensação interior de uma renovação, desejosos de uma vida superior e melhor. O impulso, recebido por um único indivíduo e correspondido por um pequeno grupo, repercutia. Mais uma vez, os homens eram tomados de entusiasmo e inspiração e, por essa inspiração, levados aos limites de suas possibilidades.

INSPIRAÇÕES E EXPIRAÇÕES CONTÍNUAS

No livro *Die gestige Mitte (O centro espiritual)*, Adama van Scheltema escreve que toda civilização passa por três estágios:

- *ligação espiritual periférica*
- *ligação espiritual central*
- *ligação espiritual centrífuga*

Segundo o autor, trata-se de um processo que tem contínuas inspirações e expirações, separadas por fases de assimilação e de digestão. Outros o comparam à contração e distensão do músculo cardíaco. Esses três movimentos acontecem ao redor de um núcleo: “O que o centro engendra parece ser o que permanece até o fim e o que já era na origem” (Goethe). Para Adama van Scheltama, o núcleo imperecível é sempre o princípio feminino animador, que procura e descobre o pólo masculino e, se possível, se liga a ele. De onde surgiu a unidade espiritual central que caracteriza o auge de uma civilização? Diz o autor que esse movimento é claramente perceptível, por exemplo, na pintura, na arquitetura e na literatura. A ligação espiritual central é a base de uma redescoberta do próprio ser, a partir de uma nova perspectiva, o que permite uma nova criação que se desliga do passado.

Por que essa conjuntura é tão pouco duradoura? Por que o ser humano é tão agitado? Porque ele vive num mundo com dois pólos que se manifestam em seu ser. Ele é puxado pelos dois extremos: o que está nele e o que está ao redor dele. Esta é razão pela qual só existe um desenvolvimento real de uma estrutura espiritual se for-

mos em busca do autoconhecimento até a renovação concreta de nosso ser. Um impulso que só dura como fogo de palha não leva a nada. O objetivo é a fusão da nova alma com o Espírito divino; e esta fusão é o resultado do processo alquímico do renascimento do Homem-Alma-Espírito original. Na ausência de tal síntese, a estimulação da energia divina se dissipa. A alma em vias de transmutação enfraquece e se torna uma alma mortal. O ponto culminante passa, e é necessário um novo impulso. Como as ondas do mar, que se impulsionam e se reforçam para chegar à altura máxima, assim deve se produzir, uma vez mais, uma vivificação, tendo em vista uma futura possibilidade de um reencontro com o Espírito divino.

O CHAMADO INCESSANTE PARA VOLTARMOS À NOSSA PÁTRIA

No seu livro *Fama Fraternitatis: O Chamado da Fraternidade da Rosacruz*, Jan van Rijckenborgh fala sobre as ondas de energia que provêm de um ponto central e fluem no espaço da manifestação dialética. É preciso que os impulsos se sucedam para sempre suscitar novas ondas de energia. Mas, a imutabilidade do ponto central é determinante! E a descrição desse ponto não requer nenhuma especulação teológica, filosófica ou científica. Ele é e permanece sempre o mesmo: a fonte de onde aflui a energia para a humanidade sofredora, para levá-la à sua verdadeira pátria. Em cada cultura há alguns que interiormente reconhecem esses impulsos. São os que “gritam no deserto” do egocentrismo, da fome de

poder e das tentações sedutoras, para auxiliar a humanidade a libertar-se.

Podemos recusar qualquer coisa que teve seu tempo, mas recusar não é vencer, já que ainda não alcançamos totalmente novas possibilidades espirituais. Por isso, as civilizações se sucedem sem ter fim. O século XXI também propõe uma nova cultura, uma mensagem e uma tarefa endereçada à humanidade, pois o acaso não existe, e a vida não surgiu simplesmente porque dois átomos, ou duas células, se uniram. Esse ponto de vista é primitivo e não deixa o ser humano progredir em sua pesquisa. Cada onda, cada cultura, tem seu sentido profundo. Todos os que fazem parte de uma cultura constituem uma certa fase do desenvolvimento humano. São como células da humanidade encarnada – um só corpo, uma só alma – porém separados pela consciência celular individual chamada “ego”.

Após a segunda fase, na qual o desenvolvimento se volta para o interior, segue-se a terceira etapa na qual a humanidade, numa inquietude crescente tanto interior quanto exterior, finalmente é bem sucedida. Parcialmente através do despertar da preciosa flor no coração, e por outro lado pela influência exterior, ela é levada à maturidade. Todavia, essa atividade não é compreendida e pode facilmente deixá-la amedrontada e fazê-la procurar um preenchimento rápido do eu, descontraindo pouco a pouco o coração. A ação desse ponto central não foi compreendida. As promessas de um estado de vida nobre e próspero, como propõem o comunismo e o socialismo, podem seduzir e absorver por completo o pesquisador. O certo é que não importa quem desfile por trás

dessas bandeiras, eles estão enganados, pois interpretam equivocadamente o pulsar de seu coração. Só obteremos a igualdade entre todos se nos basearmos na verdadeira unidade, que ultrapassa de muito a divisão dos homens.

REJEIÇÃO DAS REAÇÕES CONDICIONADAS

O pesquisador agitado, freqüentemente excitado, ousa fazer muitas tentativas. Ele quer encontrar suas raízes. Para muitos, essa busca não vai além da sua árvore genealógica. Mas, outros não hesitam em intervir nas próprias estruturas da sociedade. O resultado disso é um caleidoscópio de esboços divergentes, de nuances variadas voltadas para o que seria possível fazer. O impulso que impele à realização, ou a uma aparência de realização, proporciona uma onda de sensações, que logo se desfazem e reclamam novos estímulos, cada vez mais fortes, que, por sua vez, acarretam reações mais violentas. É um processo semelhante à toxicomania, e que, em muitos casos, é quase irreversível.

Mas qual é o ser humano que ousa aprofundar-se em seu coração até a fonte prodigiosa tal qual um Aladim, em busca da lâmpada maravilhosa? Num passado infinitamente longínquo, que todos trazem em si, encontra-se a origem da humanidade e do universo. Essa origem está escondida em nosso ser mais profundo, em nosso núcleo espiritual, como ressalta Adama van Schelstama.

Como é dito, “sensação” quer dizer “percepção”, portanto, também signi-

fica “compreensão mental”. Nos dias atuais, em condições normais, o ser humano dispõe da capacidade de reconhecer os estímulos que recebe e de reagir ou não a eles. Estimulado pelas radiações do planeta Plutão, considerando o aspecto superior dos Mistérios, ele é confrontado de forma muito pessoal e direta com o mundo exterior, como resultado de seu desenvolvimento. Porém, quanto mais forte for sua ligação com a matéria, mais difícil lhe será aniquilar as reações programadas por seus sentidos. No presente momento, o homem se defronta com um grande conflito, quando a humanidade está entrando na terceira fase: a da decisão interior. Impossível deixar para mais tarde. O que já foi, repete-se num curso circular cada vez menor, até findar. Muitos procuram se desencilhar dessa tensão e fogem para a resignação: “aceitemos o mundo tal como ele é! Vamos fazer o melhor possível! Pouco importa o que aconteça depois de nós.”

RADIAÇÃO DA NATUREZA DIVINA

Essa reação negativa, sob a influência dos sentidos saturados, é completamente contrária à reação positiva, viva e radiosa, daquele que descobre o centro, a fonte divina em si mesmo. A fonte original existe! E o pesquisador desperta de seu sono de morte, começa sua subida em espiral e se desvia das nuvens que obscureciam sua consciência. É o otimismo? É ainda uma ilusão? De jeito nenhum. Para quem vê diante de si a porta abrir-se para a eternidade é, enfim, a realidade absoluta. Quanto mais a cultura afunda em

erro e confusão, mais a natureza original e divina parece irradiante. Não se trata de sensação ou estímulo da consciência sensorial, mas de uma revelação totalmente nova que transcende toda limitação do corpo. O ser tocado por esses impulsos descobrirá as novas possibilidades que se revelam! É então que se abre um caminho que pode ser seguido por qualquer um, seja qual for sua situação. Os limites da consciência terrestre desaparecem – e não são simplesmente desviados, como acontece com os métodos de expansão de consciência. Não: a consciência terrestre desaparece e, em seu lugar, surge a nova consciência que se sacia na fonte divina. Esse núcleo é independente do espaço e do tempo, independente da grandeza e da decadência de qualquer civilização, independente das ondas agitadas que mantêm a humanidade em movimento. É o ponto imutável da eternidade, onde o ser humano pode reencontrar seu estado divino.

Fontes:

Die geistige Mitte, F. Adama van Scheltema.

Fama Fraternitatis, o Chamado da

Fraternidade Rosacruz, Jan van Rijkenborgh.

A NOVA CONSCIÊNCIA

Reflexões de um aluno

O homem está constantemente à procura de experiências que lhe permitam escapar do quotidiano. Há toda uma série de expressões para designá-las: consciência cósmica, êxtase, iniciação, iluminação, experiência divina, despertar espiritual. Mas trata-se realmente de uma nova consciência?

Quando alguém sofre no mais profundo de sua alma e realiza uma enorme mudança de rumo em sua vida, esta é certamente uma experiência radical precedida de um período muito conturbado. Visto de fora, tudo pode parecer relativamente normal, mas lá dentro há nuvens que se amontoam e que se tornam cada vez mais espessas e, no final, ficam tão escuras que a existência não passa de um caminhar doloroso. Numa situação como essa, arrastamo-nos sem saber para que lado voltar. As distrações não ajudam em nada. As trevas reinam e não se dissipam. Depois, de repente, o milagre acontece: a escuridão desaparece, a luminosidade reina, tudo é alegria e calor, como se um fogo abrasasse! Um só momento de luz é suficiente para que as trevas se desvançam. A alegria e a felicidade duram talvez ainda uma semana, depois as coisas corriqueiras voltam à tona e as nuvens negras retornam.

É claro que depois disso aparece espontaneamente a pergunta: “Como renovar o mais rapidamente possível aquela experiência agradável?” Então começa uma procura bem direciona-

da. E como, de certa forma, buscar equivale a se questionar, vão chegando as respostas mais diversas a partir de uma grande variedade de gurus, filósofos, partidários do modernismo, etc., e com recaídas de “sabedoria”, amontoam-se os livros. E a busca se transforma em estudo. Para o pesquisador que ainda tem pouco discernimento é uma nova confusão; enquanto que aquele que sabe ouvir o “silêncio” é logo guiado.

O EU DEVE SER O PONTO CENTRAL?

O silêncio interior é um estado de ser: é o silêncio que nasce quando o eu já não se faz ouvir. Todo silêncio artificial faz da iniciação uma contra-iniciação. Portanto, o eu deve aprender a silenciar-se verdadeiramente – a se retirar – para que seja possível encontrar, no mais íntimo do ser, a vida original. Ora, esse processo de recolhimento não acontece sem conflitos. O eu, que no início ainda passa despercebido, coloca-se em primeiro plano assim que lhe pedem para se tornar mais discreto. É claro que a consciência comum só existe se o eu estiver no ponto central. Ora, esse ponto central, que tudo concentra, que traz tudo para si, é completamente contrário a um sol, pois o sol tudo dá. Suponhamos que o eu conseguisse calar-se verdadeiramente e colocar-se em segundo plano. Será que uma “iluminação” interior seria a sua recompensa? Não há nenhuma recompensa para o eu, mas unicamente para “aquele Outro



completamente diferente” dentro dele, que é o princípio espiritual superior. O eu pode conhecer o êxtase, a alegria, portanto ter experiências agradáveis, mas como ele pertence ao tempo, só pode experimentar impressões fugidias como o tempo. Já o princípio superior, que existe no mais profundo do ser e provém da eternidade, só pode experimentar a eternidade. Trata-se de uma experiência radiante de luz, orientada do interior para o exterior, e, conseqüentemente, que pode ser transmitida – o que quer dizer que a consciência que passa por essa experiência de iluminação se amplia, como se fosse uma onda se afastando de uma fonte que jorra abundantemente. A onda é a consciência que se amplia; enquanto que a superfície da água sem rugas representa o silêncio. É também possível falar de uma experiência esclarecedora. O budista Zen D.T.Suzuki disse: “Se colocarmos uma vela num cômodo escuro, as trevas desaparecem e há luz.

Com dez, cem ou mil velas, o cômodo ficará ainda mais luminoso. Entretanto, foi no momento em que a primeira vela expulsou a escuridão que aconteceu a mudança essencial.”

A SEDE DA NOVA CONSCIÊNCIA OCUPADA PELO EU

No livro *As Núpcias Alquímicas de Christian Rosenkreuz*, Jan van Rijckenborgh disse: “*As primeiras experiências do homem despertado referem-se sempre ao mundo etérico.*” É no mundo etérico que o princípio espiritual superior do éter ígneo se manifesta. Ele tem o poder de inflamar uma consciência totalmente nova, mas, para isso, é necessária uma preparação, pois o lugar em que a nova consciência deve surgir ainda está sob o domínio do eu. O eu é incapaz de se elevar. Pode apenas “diminuir” um pouco e por fim dissolver-se completamente, transfor-

A consciência iluminada se amplia como as ondas circulares que saem de uma fonte jorrando abundantemente (Via Moura, Portugal, foto Pentagrama)

mando-se enquanto consciência para criar espaço para o princípio superior, a nova consciência. Somente quando o homem se torna consciente do totalmente Outro dentro dele, que é o princípio espiritual original, é que surge a possibilidade de dar continuidade a esse processo. Então virá o momento em que despontará a aurora da nova consciência. A nova consciência surgirá então em sua totalidade? Não, ainda não. É apenas o seu nascimento. Jan van Rijckenborgh disse a esse propósito que a nova consciência deve desenvolver-se aos poucos e acrescenta: *“A propriedade inicial mais marcante da nova consciência é a ‘onipresença’; literalmente: experimentar e possuir todas as dimensões da manifestação universal, tornar-se Uma com ela, estar em toda parte ao mesmo tempo – e, por conseqüência, “não ser”.*

sério que deseja adquirir a nova consciência. O totalmente Outro tem de nascer nele, antes que ele possa dar o passo seguinte. Sabendo disso, ele extrai as forças da promessa que se encontra no seguinte trecho do livro A Voz do Silêncio:

“Lembra-te, ó tu que combates pela libertação do homem: cada derrota é uma vitória; e cada esforço sincero, com o tempo, ganha sua recompensa. As sementes santas germinam e crescem, invisíveis, na alma do discípulo; as hastes que delas brotam ficam mais firmes a cada provação; elas se dobram como caniços, mas jamais se quebram, e jamais podem se perder. Mas, quando chega a hora, elas florescem...”

O CAMINHO MAIS RÁPIDO

Influenciados pela impaciência que caracteriza nossa época, sempre queremos andar mais depressa. Mas a pressa é uma energia que faz parte do mesmo mundo do eu, e para alcançar a grande meta é preciso agir sabiamente. O verdadeiro caminho é mais rápido quando o eu diminui e dá lugar ao totalmente Outro dentro dele. Por isso, os antigos diziam: *“Apressa-te lentamente”*. A consciência comum do eu, apressada, impaciente, tem muita dificuldade para compreender essas palavras e colocá-las em prática. Por isso, a Escola Espiritual da Rosacruz Áurea vem em auxílio de todo pesquisador

MAIS DE SEIS BILHÕES DE MISTÉRIOS NÃO ELUCIDADOS

Todas as cidades, grandes ou médias, apresentam a mesma imagem, um tanto ocidental: pessoas indo e vindo como formigas num formigueiro. Elas vão... para onde? Nem elas mesmas sabem. Impulsionadas pelo dever, elas trabalham para viver e vivem para trabalhar. De vez em quando, aparentemente ao acaso, uma chance faz com que o sol brilhe sobre elas. Dentre os bilhões de seres humanos sobre a terra é provável que muito poucos vivam vinte e quatro horas por dia, segundo após segundo, conscientes de seus pensamentos, sentimentos e movimentos, – e tampouco são conscientes do resultado de suas atividades.

Muitos sistemas foram elaborados com a finalidade de desenvolver e reforçar diversas capacidades a fim de se ter uma consciência razoável do que se faz. O ponto de partida é o caráter da personalidade, e a finalidade é a obtenção de certos poderes: poder sobre a personalidade, sobre seus semelhantes, sobre a natureza. Apesar de estarem baseados em uma antiga sabedoria modernizada, estes sistemas passam longe da suprema sabedoria universal, segundo a qual cada ser humano é um mistério particular e deve buscar um objetivo completamente diferente do mero agarrar-se à matéria.

Quem pode dizer que resolveu o mistério de sua própria vida? Quem desvendou os segredos de sua personalidade? Nas últimas décadas, o cor-

po material revelou muitos de seus segredos. Seus mínimos detalhes foram cientificamente estudados, suas propriedades e funções foram rigorosamente classificadas. Aprendemos a cuidar deste corpo, a embelezá-lo, a limpá-lo meticulosamente, e, se necessário ou desejável, a adaptá-lo às condições dos tempos modernos por meio de alguns acessórios. Lá, onde, de um lado, a vida de milhares de seres humanos é aniquilada, de outro lado tenta-se melhorá-la e prolongá-la até o ridículo.

Já faz alguns anos que a imprensa ocidental diária começou a reagir no sentido de uma abordagem mais esotérica do ser humano – uma abordagem que remonta à origem da humanidade. Muitos habitantes dos países ditos prósperos, após um período de desenvolvimento puramente material, têm-se mostrado sensíveis ao que acontece por detrás da existência e começam a se interessar pelos fenômenos no plano etérico e no plano astral. O que era considerado impossível há muito tempo agora é reconhecido, descrito e estudado pela imprensa, pelas revistas femininas, pela televisão e, principalmente, pelo cinema. Por exemplo: aquilo que as crianças viam e contavam, e que os pais recusavam aceitar por terem uma consciência bitolada – e que às vezes era até motivo de punição – agora está sendo apreciado como sinal de uma era totalmente nova. Conceitos como “corpo etérico”, “corpo astral” ou “reencarnação” estão na moda. As pessoas aprendem a “ler auras”, a “observar os chacras”. Depois da tempestade levantada pela “vaca louca”, o vegetarianismo



ganha terreno, e em muitos lugares já é proibido fumar.

CADA UM TEM SEU PRÓPRIO MISTÉRIO

Assim, a humanidade com tendência ocidental é arrastada na tormenta da mudança. Mas na Holanda, que é um país tradicionalmente tolerante, já se percebe que a tolerância nem sempre é saudável. Jovens malandros não mudam internamente por praticar um esporte caro, como velejar, por exemplo, como “recompensa” por sua má conduta. Aparentemente, isso não resolve o mistério próprio de cada um. A perfeita abordagem social que pretende que todos sejamos iguais – e isto é um dever – parece ser um fracasso. No entanto, parece que cada um segue sua própria causa. E parece que o treinamento intelectual pode ser um prazer para alguns, mas pode ser uma verdadeira calamidade para outros. Começamos a entender

que cada um tem seu próprio mistério e que é preciso aprender a desvendá-lo. Será que o médico, o professor ou o patrão podem nos dar o método a ser seguido? Não: apenas algumas indicações. Cada um tem de encontrar por si mesmo a chave do mistério.

Mas, afinal, qual é esse mistério que os seis bilhões e um quarto de seres humanos deste mundo escondem?

- primeiro: que o homem é uma imagem do universo.
- segundo: que cada um é uma célula no grande corpo da humanidade.
- terceiro: que cada célula tem uma tarefa específica na manutenção desse corpo.
- quarto: que o corpo de cada um é temporário e deve servir de base para um desenvolvimento superior.
- quinto: que a principal tarefa de cada célula do corpo humano é uma tarefa espiritual, ao lado de sua tarefa biológica.

Não é difícil compreender que todos nós somos células de um grande corpo.

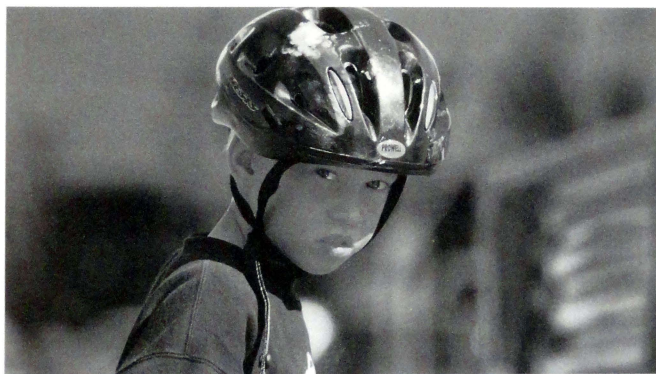
Juntos, formamos a humanidade. Mas quando se trata de saber quais as células mais importantes, começa a luta. Evidentemente, cada um se considera superior aos outros. Os traços sangrentos que a história do mundo deixa atrás de si mostram que os homens confiam por demais em sua superioridade. Entretanto, há grandes grupos de interesses que estão acima dos interesses pessoais que mostram tentativas de unidade, como por exemplo, as Nações Unidas, os Estados Unidos da América, o Reino Unido, a União dos Estados Árabes, as nações que se uniram na Europa, as antigas nações da URSS que se reagruparam, as nações africanas que se aliam na área econômica. Os objetivos dessas espécies de alianças são quase sempre econômicos ou políticos, mas por detrás delas sempre há aqueles que têm em vista o bem estar de seu próximo. Ao lado do ponto de vista puramente humano, existe também a idéia de uma ordem superior, impelida a procurar um bem superior.

A CONSTRUÇÃO DE UM 'MUNDO MELHOR'

Os membros de uma mesma comu-

nidade têm, cada um deles, uma tarefa específica. Um faz carpintaria e construção; outro tem a habilidade de coordenar e dirigir um trabalho. Um terceiro tem a compreensão do que está para acontecer. Todos eles servem sua comunidade e colaboram conscientemente ou não, voluntariamente ou não. Eles constroem um "mundo melhor" e a ele se devotam totalmente. O país vizinho, porém, faz a mesma coisa, mas com outros dirigentes, outros especialistas, e conceitos diferentes. O resultado pode ser a paz ou a guerra. Essas situações, porém, são manifestações provisórias, pois o homem é um fenômeno temporário. Ele surge em um berço, cumpre seus deveres durante um certo número de anos e depois desaparece em uma esfera denominada "céu" (para os favorecidos da sorte) ou "inferno" (para os desfavorecidos). Será que o mistério desaparece com ele?

Não, porque a vida material visível é somente um incidente temporário. Como um objeto que, alternadamente, flutua sobre a água e afunda. É assim que fazem os seis bilhões e um quarto de cidadãos da terra. Exatamente como as células de um corpo, eles nascem, cumprem suas funções e morrem. Se a realização de sua tarefa



A caminho:
para onde?
Rättvik, Suécia.
(foto Pentagrama).

não os eleva acima de sua condição biológica e material, eles não trazem realmente nada de muito positivo à consciência da humanidade. Entretanto, se eles chegarem a perceber, por pouco que seja, a sua missão espiritual, e se agarrarem o fio dessa missão, então outras forças intervirão além do instinto de conservação egocêntrica – e eles iniciarão uma evolução espiritual. Os vestígios disso podem ser seguidos através da história da humanidade – e a revista PENTAGRAMA já mostrou muitos desses aspectos bem conhecidos desse fato. Há aspectos desse processo que formam como que um rio subterrâneo – pouco visíveis, mas não menos importantes. Essas forças escondidas visam elevar o homem a um plano superior, tanto como indivíduo quanto como humanidade, isto é, querem levá-los à compreensão de que a luta pela vida sobre a terra deve conduzir à descoberta de que esta não é a VIDA ÚNICA E VERDADEIRA. Este é o primeiro passo em direção à missão espiritual que está inscrita em cada ser humano.

CADA UM TEM SEU LUGAR E SUA TAREFA ESPECIAL

A compreensão disso permite resolver o mistério particular de cada vida. Ela mostra a cada um o seu lugar no mundo, especialmente o seu lugar e a sua tarefa na sociedade da qual cada um faz parte. A sociedade precisa de todos: como ser comum – marceneiro, varredor, médico, aluno ou professor, mulher do lar ou mulher de negócios – e, como ser espiritual na forma de uma alma vivente, liberta de todos os entraves que trazem sofrimento ao eu. Essas duas formas de expressão do homem devem um dia fundir-se uma na outra. Entretanto, nos dias atuais, a maioria dos seres humanos só conhece a primeira dessas formas – o que faz com que passem

por situações que provocam toda espécie de conflitos. Portanto, são seis bilhões ou mais de seres humanos sobre o globo terrestre que não conhecem o mistério de suas vidas em profundidade – e que sofrem, assim, cotidianamente!

“Corrige o mundo começando por ti mesmo”: eis uma sentença que citamos de boa vontade. Principalmente quando queremos dizer aos outros que eles estão completamente errados. No entanto, estas palavras são bem atuais, se as considerarmos sob um ponto de vista superior. Quem consegue corrigir sua vida de tal forma que seu eu não seja mais o mestre, e que a alma tome seu lugar – trata-se aqui naturalmente da alma superior que está muito próxima de seu Criador – descobre que sua vida muda totalmente, radicalmente:

- primeiro: ele já não atribui a causa de seus problemas aos outros, mas sim a si mesmo.
- segundo: isto faz com que ele compreenda o problema dos outros.
- terceiro: ele, então, aceita os outros e seus problemas.
- quarto: ele pode auxiliá-los verdadeiramente, desde que ele próprio libere em si a força que o levou à compreensão regeneradora e salvadora.

Mas de qual força ou energia falamos aqui? Estamos falando da força superior que aos poucos vai reduzindo os absurdos do eu. Da força diante da qual todos os buscadores sérios um dia se inclinam.

A ÁGUA DA VIDA



*Água que corres,
tu te precipitas dos rochedos,
teu murmúrio acaricia
meus ouvidos.*

*Tu cintilas como a prata
na luz solar,
divertimento delicioso
que alegra meus olhos.*

*Mas de onde vens?
Ultimamente estavas
no imenso oceano?
E o calor do sol,
arteiro, aspirou-te?*

*Deixaste-te cair
de uma nuvem em fuga
para fazer aqui o teu
trabalho?*

*Tu refrescas meu corpo e
aguças meus sentidos,
mas por que não aguças
meu ardente coração?*

*Teu coração, ó vagabundo,
eu não posso saciar.
Eu pertenço à terra,
eu nela mantenho a vida.*

*Tua alma sedenta
busca a água oculta,
essa Água da Vida
que flui, eternamente,
da Fonte divina,
que jamais se esgota.*

*Eu purifico teu corpo,
mas somente a Água
da Vida*

*purificará teu coração
louco de desejo,
teus pensamentos
desenfreados,
teus atos precipitados.*

*E tua Alma se abrirá,
como uma taça cristalina,
para que a Água da Vida
permaneça sempre viva.*

*Tu mesmo te tornarás fonte
de onde fluirá a Água
Viva, para todo ser
vidente.*

“DOIS HOMENS DESCANSARÃO...”

O “drama humano” não poderia ser traduzido de modo mais conciso e profundo do que por estas duas linhas do Evangelho de Tomás, versículo 61: “Dois homens descansarão em uma cama: um morrerá, outro viverá.” Dentro do homem se desenvolve um drama no qual duas forças opostas têm o papel principal.

Os dois estão juntos, um ao lado do outro, muito próximos. Mas um vai morrer e o outro vai viver. A condição transitória de um e a imortalidade do outro criam o drama humano. A mortalidade corresponde à personalidade constituída pelos diversos elementos e forças da terra; a imortalidade corresponde ao ser divino, o princípio fundamental do homem verdadeiro, que está adormecido no homem mortal. Um certo número de forças opostas opera na personalidade. São as forças bipolares da natureza terrestre. Sem elas, a personalidade não saberia como existir.

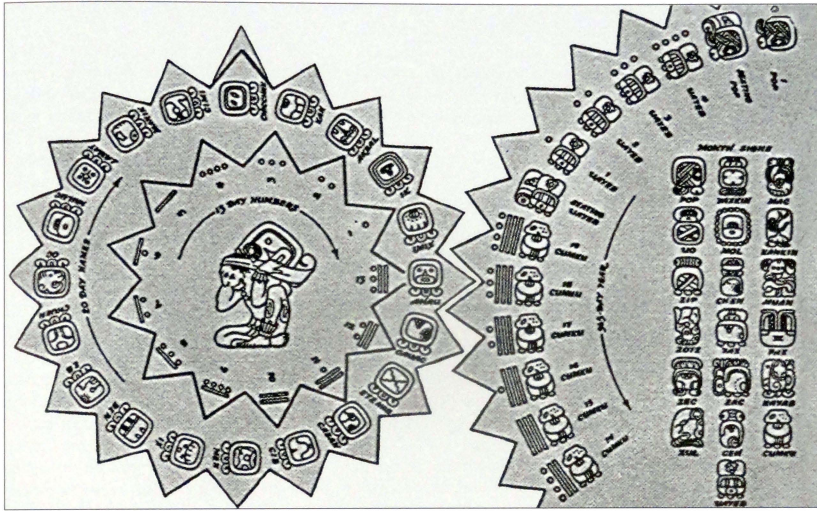
O homem mortal encarna o drama menor. O drama maior é o confronto do homem mortal com o Reino divino interior, a eternidade. Quando o drama maior é absorvido, a tragédia terrestre do homem mortal se desfaz. Este é o único caminho – e não o contrário. Não há nenhum meio nem método neste mundo que resolva o drama e os problemas terrestres. Toda e qualquer solução temporal é colocada em cheque pelo jogo das forças opostas. Esta é a história do mundo como em uma casca de noz. Todas as tentativas de paz duradoura são aniquiladas

por novos conflitos. A luta para adquirir prosperidade e bens materiais é acompanhada pela miséria social e por muito sofrimento. O agradável e o desagradável caminham juntos. Um é a referência do outro. É impossível reprimir as oscilações das forças bipolares na natureza da matéria, do tempo e do espaço. É impossível porque trata-se, na realidade, de solucionar o problema maior: o confronto dentro do próprio homem, entre aquilo que é transitório e o que é eterno.

O HOMEM E O MUNDO SÃO UMA COISA SÓ

Quando conhecemos a história do mundo que cabe em uma casca de noz, conhecemos nossa própria história como criaturas terrestres. Reciprocamente, quem conhece a si mesmo, conhece a essência do mundo material. O homem e o mundo são uma coisa só: ele está em unidade com a natureza inferior. Cristo, porém, diz: “O Pai e eu somos um”. Ele está em unidade com a natureza divina. Aquele que pode pronunciar essa palavra em verdade e na imitação de Jesus Cristo resolveu o drama maior. Entretanto, as palavras de Jesus continuam atuais: “Dois homens descansarão em uma cama: um morrerá e o outro viverá”.

O que é a Vida? A Vida verdadeira é eterna e onipresente. A vida que tem fim não é verdadeira. A verdadeira Vida não pode deixar de Ser. Ela é eterna, ao passo que a existência terrestre – e tudo o que entendemos por existência – sempre tem um fim. É um



perpétuo processo ondulatório de começo e fim, de fim seguido de começo, e assim por diante. Quanto à Vida verdadeira, ela é intangível, o que não acontece com as formas terrestres. A Vida verdadeira é sem forma: é o Ser infinito. Ela é a força criadora primordial, é o Ser infinito de onde provêm as formas divinas e celestes, assim como as formas e seres terrestres.

A VIDA ILIMITADA

Quando evocamos conscientemente dentro de nós mesmos a palavra “vida”, sentimos, nas profundezas de nosso coração, que nossa verdadeira Vida é o Infinito, a Eternidade, a Fonte original absoluta, Deus.

Essa Vida toca o coração humano por meio da divina centelha do Espírito. O centro do Infinito está no coração, sendo que também é onipresente. A verdadeira Vida é sem limite, absoluta. Por seu aspecto criador, a

consciência original é pura Consciência divina. O Fundamento original também é a Fonte original.

Dois homens reunidos: isto tem algo de muito familiar. A Consciência divina criadora descansa na companhia do homem. Ela está muito próxima dele, está dentro dele. Ela está mais próxima do que sua própria respiração. Ela depositou nele algo dela mesma. Ela repousa nele.

Quem é que deve morrer? O homem terrestre, a criatura indevidamente chamada “homem”, o mortal, o não-vivo. Ele morrerá, irrevogavelmente. Se ele não souber como sair de seu drama, ele morrerá. Se ele conseguir sair, ele também morrerá, mas que diferença entre estas duas manei-

Funcionamento do calendário Maia. A roda da esquerda representa 260 dias de um ano inteiro através da combinação dos 13 dias da pequena roda e dos 20 que a rodeiam. A grande roda da direita representa 365 dias divididos em 18 meses. São possíveis 18.980 combinações. Quando todas as rodas estão novamente no ponto de partida, começa um novo ciclo. (Extraído de *The Ancient Sun Kingdom of the Americas*, Victor Wolfgang von Hagen)

ras de morrer! Uma é a morte segundo a natureza inferior, consequência dos ciclos naturais; a outra é a morte em que nos imergimos na natureza divina, na Vida verdadeira. Uma é a perpetuação do drama; a outra é o seu fim.

O "VOLTAR-SE PARA O EXTERIOR"

O homem terrestre é um ser sensorial. Ele existe graças a seus sentidos. Ele também possui a faculdade de pensar e a inteligência terrestre. Por isso, ele está inteiramente voltado para o exterior. O seu reino é a matéria, o mensurável, o limitado. Ele não pode levar outro tipo de existência porque, devido à sua natureza, ele e o mundo material são uma coisa só. Prisioneiro de sua condição, ele está separado do divino, que, no entanto, nele repousa! Na Bíblia, este estado de separação é designado pelo termo "pecado". Porque, o homem terrestre vive na ignorância, nas trevas. Ele não vê seu companheiro divino, que repousa tão perto dele.

A luz brilha nas trevas, mas as trevas não a compreendem. Não ainda! O companheiro divino do homem mortal não o deixa ficar tranqüilo. Ele o chama incansavelmente. E, quando este mortal considera a história do mundo e sua própria história, quando ele reconhece em todas as fibras de seu ser os efeitos do campo das forças bipolares, quando ele compreende que o drama é impossível de ser solucionado por meios terrestres, ele é imediatamente agraciado, "perdoado", pois, no mesmo instante, o chamado da verdadeira Vida o toca no coração.

E de repente tudo pode mudar... e tudo muda! O que está Vivo no homem é a Divindade universal. Para Deus, não há nem interior nem exterior. Para o homem, sim, mas até o momento em que ele começa a viver

em Cristo e pode dizer: "O Pai e eu somos um".

A Divindade faz do universo o seu laboratório, e nele se realizam coisas espantosas. Uma delas é a nova era, a era de Aquário, que atualmente está tocando a humanidade e que se revela a ela. Por que um acontecimento como esse, que se estende por décadas, é tão importante? Porque ele coincide com o fim de uma série de ciclos cósmicos.

O FIM É UM COMEÇO

Em 31 de dezembro de 1999, quando bateram as doze badaladas da meia-noite, um certo número de ciclos mais ou menos longos terminou. Por exemplo: um segundo, um minuto, uma hora, um dia, um mês, um ano, uma década, um século, um milênio. Isto, visto do ângulo da cronologia cristã. Outras culturas se referem a ciclos muito diferentes. E também podemos dizer que ciclos cósmicos terminaram. Terminou a era de Peixes. O sistema solar está orientado de forma diferente em relação às estrelas da Via Láctea, a galáxia à qual pertence, especialmente em relação às constelações do zodíaco, portanto o sistema solar está recebendo influências diferentes. Cada final marca um novo começo.

O campo biomagnético da terra também é animado por um movimento cíclico. Segundo estudos científicos, este campo era extremamente poderoso há 500 mil anos. Hoje, ele não possui mais do que 4 a 7 por cento de sua força inicial. Esta porcentagem acabará atingindo um ponto em que as condições serão tais que ele mudará. O campo biomagnético depende do cuidado, da proteção e da evolução da consciência dos seres vivos. O enfraquecimento deste campo pode ter consequências, principalmente, sobre o funcionamento e o desenvol-

vimento do cérebro, do sistema nervoso, do poder mental, da sensibilidade e da consciência. A biosfera das plantas e dos animais está se transformando, como já aconteceu muitas vezes no passado. Por exemplo, o desaparecimento de certos alimentos e meios de proteção pode provocar a extinção de uma espécie e o surgimento de uma outra, mais resistente. Este tipo de problemas já está surgindo. A humanidade tem muito a ver com isto.

O UNIVERSO, INSTRUMENTO DE DEUS

O enfraquecimento do campo magnético da terra e o final de uma série de ciclos têm outras conseqüências. Principalmente, uma maior abertura do espírito pelo desaparecimento e o abandono das antigas condições e influências magnéticas, e uma nova sensibilidade aos impulsos libertadores que provêm da Fonte divina original, do companheiro imortal do homem, que continua a residir muito perto dele, dentro dele. Este é o lado positivo do final de um ciclo e do começo de um novo. Eis a razão pela qual podemos dizer que Deus utiliza o universo como um instrumento.

O Corpo Vivo magnético da Escola Espiritual da Rosacruz Áurea cumpre uma missão excepcional em proveito dos buscadores que aspiram à vida superior. Ele forma um campo que amplifica *"a voz d'Aquele que clama"*, a fim de que muitos possam percebê-la dentro de seus corações e possam aprender a compreender: a voz incita a buscar dentro do coração *"o Reino e sua Justiça"*, e a receber tudo o que é necessário para chegar até a *"outra"* vida, a Vida verdadeira.

"Buscai em primeiro lugar o Reino de Deus". Ele está dentro de vós, em vosso coração. Ele é o núcleo de vossa existência microcômica. A Vida eterna, infinita, onipresente, tem o seu lar no centro de vosso ser. A Vida divina

faz descer em cada coração um poderoso impulso. É uma resposta positiva, consciente, livre de toda e qualquer hesitação ou exaltação, que submete o ser à atração da Fonte original. Trata-se de uma revivificação, de uma totalmente nova orientação da alma, de um verdadeiro "buscar o Reino de Deus". Portanto, a correta orientação da alma é uma das chaves da solução do drama maior.

"Buscai em primeiro lugar o Reino de Deus e sua Justiça.", seu equilíbrio imutável, sem bipolaridade. Buscai sua harmonia, seu Amor. Aspirai por ele dia e noite. Quando ele se tornar o primeiro e único desejo, tudo de que teremos realmente necessidade virá até nós – pois quem herda o Reino dos Céus recebe tudo. O Reino de Deus é a riqueza absoluta, a Vida Infinita.

Aquele que reconhecer dentro de si o Reino de Deus e viver nele de modo conseqüente, por mais que esteja em sua forma terrestre, nada lhe faltará. Isto pode parecer um pouco simplista, mas colocar o Reino de Deus acima de todas as coisas não é o resultado de uma crença adquirida: é o fruto de uma profunda compreensão da criação, de uma inteligência real, e de um grande amor ao próximo.

AS TRÊS CHAVES DA LIBERTAÇÃO

A consciência possui três núcleos: a bacia, o coração e a cabeça. Portanto, deve haver aí três chaves para a libertação. Na bacia, encontra-se a consciência astral. Quando a primeira chave, a autêntica busca da Vida verdadeira, deixa em segundo plano todas as outras aspirações, a consciência astral se desloca da bacia e se eleva ao coração.

É o início de uma vida totalmente nova. A busca da Vida verdadeira não comporta, portanto, nem estudo, nem exercício, nem treinamento. Tudo deve vir do interior, a partir de um

grande desejo da alma, suscitado pelo maravilhoso toque do mistério divino do coração: o toque d'Aquele que está perto de nós, dentro de nós. D'Aquele que está verdadeiramente vivo. O candidato, depois de ter observado os acontecimentos do mundo, aprende a se conhecer como um ser terrestre e como um ser que vem do círculo vicioso das forças contrárias. Ele se entrega de corpo e alma ao toque d'Aquele que está perto dele, dentro dele.

Quando a consciência astral elevar-se em seu coração, a segunda chave estará à sua disposição. Ela traz a seguinte inscrição: "*Ama a Deus acima de todas as coisas e ao próximo como a ti mesmo*". A busca do Reino divino, assim como o amor a Deus e a seu próximo confluem em seu coração. O coração é o centro do Amor. Todas as aspirações se perdem, se fundem no amor pelo Ser infinito, eterno. Deus é o Todo absoluto. Quem ama a Deus tudo recebe.

O coração se torna Luz, e graças a esta Luz o candidato vê o mundo e seus semelhantes. Graças a esta Luz ele vê tudo, como o sol vê o universo à sua volta: vê tudo na luz, em sua luz. Todos os corpos celestes se iluminam. Já não há sombra à luz do sol. Graças à Luz de seu coração, o homem iluminado vê tudo na Luz. Ele vê a Luz em seu próximo. Mesmo quando esta luz ainda está um pouco recoberta por preocupações, amarguras, desejos, ele vê esta Luz em seu próximo: ela está ali.

O FINAL DO DRAMA

Amar a Deus acima de todas as coisas e a seu próximo como a si mesmo não é um vago sentimento pseudomístico, mas um estado de consciência puro, uma visão espiritual solar. Quem ama a Gnosis, a Vida universal, Deus, acima de todas as coisas, e foi total-

mente transformado por esse Amor, pode dizer: "*Senhor, seja feita a Tua vontade*". Esta é a terceira chave da libertação.

O centro da vontade se encontra ao redor da pineal. É o estado de consciência que é evocado pelas palavras: *Senhor, seja feita a Tua vontade*, significa a total rendição da vontade ao novo grande Objetivo de vida. A cabeça se abre ao Espírito divino, e quando as forças liberadas pelas três chaves se derramam e formam uma coroa de Luz, o candidato pode dizer, como Cristo: *O Pai e eu somos um*. Em todos os seus gestos, em tudo o que ele fizer, trabalhando ou descansando, falando ou em silêncio, ele estará em total unidade com Deus. Ele se tornou a própria expressão da Única Vida Universal. É o final do drama.

"Dois descansarão em uma cama: um morrerá, outro viverá." O ser eterno tirou o ser mortal de um esquecimento milenar, para fazê-lo entrar na verdadeira Vida. Ele desperdiçou em si o Homem verdadeiro, o Homem divino.

ESPERANÇA: A PONTE ENTRE A FÉ E O AMOR

O que é esperança? A resposta não é simples. Alguém talvez diga: “Esperança? É uma espécie de espera: a expectativa de algo agradável, mas que ninguém sabe se será conforme se espera. Nós apenas o desejamos e esperamos por ele”.

A esperança constitui para muitos uma espera positiva, sobre a qual não se tem nenhuma influência. Quando um sitiante olha para o céu de manhã cedo e diz: “Acho que hoje vai fazer tempo bom!” ele mostra mais certeza do que quem está saindo de férias e suspira: “Tomara que faça sol!”. Trata-se aqui da mesma fé e da mesma esperança da qual Paulo fala na primeira Epístola aos Coríntios, capítulo 13, versículo 13: “Agora, pois, permanecem a fé, a esperança e o amor, estes três; mas o maior destes é o amor.”

A FÉ

A fé e a esperança estão muito ligadas, como testemunham as palavras de Paulo. Porque não é verdadeiramente possível dizer qualquer coisa de sensato sobre a esperança sem considerar, para começar, a fé e o amor. A verdadeira fé é saber interiormente que existe um mundo original: é o reconhecimento da voz silenciosa do coração, que dele testemunha. A verdadeira fé é fundamentalmente desprovida de qualquer imagem ou forma. Os homens lhe dão uma forma, a revestem de palavras para ficarem bem conscientes dela: este é um aspecto particular, uma interpretação pessoal

de sua realidade exterior. Na medida em que a fé se fortalece, esse aspecto se amplia e forma a realidade da fé no mais profundo do ser. Então, muitas vezes faltam palavras para expressarmos aquilo que sentimos e percebemos interiormente. Por isso, nunca é possível compartilharmos verdadeiramente a nossa fé com alguém, mesmo que estejamos muito próximos desse alguém. A tragédia da individualidade do ser humano é que a personalidade não pode compartilhar com outra pessoa seu ser mais profundo. Portanto, a fé é estritamente pessoal. A fé é a força com a qual a vida original, o saber interior original, se revela ao indivíduo que se tornou consciente de um mundo puro que não é perturbado pela consciência humana.

O Amor divino é conscientemente sentido como fazendo parte desse mundo original puro, indivisível. Todos os desejos humanos, conscientes ou inconscientes são finalmente voltados para o Amor, para essa experiência do Amor que não está ligada a uma única pessoa. Infelizmente, os homens fazem dele freqüentemente uma caricatura, pois têm pouca confiança no chamado da Vida original que ressoa em seu coração. Eles bem que desejariam participar dessa Vida, mas eles não querem abandonar muitas coisas por isso. Pelos menos não o que eles deveriam abandonar, quer dizer: sua existência individualizada, separada. O Amor é o resultado de uma unificação absoluta e definitiva, estado esse que não é possível alcançar a não ser que o eu temporal e limitado desapareça a fim de que o eu original se ofereça de volta ao eterno, ao ilimitado,

na força regeneradora denominada Gnosis.

Portanto, de um lado, há a esperança do indivíduo isolado que deseja ser tocado pela Gnosis; de outro, existe a unidade perfeita onde não existe nenhuma separação, que é indivisível, e para a qual se dirige o desejo do coração. Uma tal contradição é quase inimaginável. Um ser individualizado separado de sua origem vive num espaço limitado pelo tempo. Em razão de sua separação ele não pode fazer parte do indivisível. Logo, a Gnosis não pode se dar a conhecer a ele diretamente. Por isso, a esperança é considerada como a ligação, a ponte entre a fé autêntica e o Amor. Essa ponte é sustentada por sete pilares: a fé, a espera, a proteção, a mudança, a incondicionalidade, a invulnerabilidade e o Amor.

A ESPERA

Se alguém tem fé e está apenas começando a entrar na ponte, para esse alguém a esperança não passa de uma espera longínqua, uma promessa de um futuro remoto. À sua frente, ele vê um caminho que sobe, cheio de curvas. Bem lá longe, no horizonte, ele vê o ponto mais alto da ponte. Este ponto mais alto está envolto por uma luz suave que parece estar enviando sinais para ele, mas ele continua caminhando na sombra escura de suas projeções. Apesar de tudo, ele segue em frente. Sua fé lhe dá a força para isso. E a fé vai aumentando na medida em que ele vai progredindo; e, para ele, a Luz é uma espera cheia de esperança. Ele ainda projeta sua esperança à sua volta, como se aguardasse uma meta desconhecida, mas certamente cheia de alegria futura. Essa esperança quase infantil é uma pálida luz que ilumina o caminho desse ser que continua inconsciente. Nessa luz difusa, ele procura dar uma forma à sua espera e se põe a criar imagens sobre o fim de sua viagem. Ele procura experimentar

– confirmar no mundo exterior – o que ele distingue interiormente. Então ele vê que no mundo há outras pessoas que parecem buscar o mesmo caminho, cada uma com seu modo de esperar, com sutilezas muito pessoais. Então, ele se junta a elas.

PROTEÇÃO

Enquanto ele vai seguindo seu caminho sobre a ponte, cresce dentro dele a idéia de que a responsabilidade de seguir em frente não está fora dele, em um grupo, em uma autoridade ou em um mestre, mas sim dentro dele mesmo! A Luz aumenta e age abertamente. Ele aprende a ver que são exatamente estas imaginações daquilo que o espera que criam obstáculos para o seu caminhar. Então, ele decide desprender-se delas. Mas, ao tentar rejeitar esta couraça, ele se sente nu e muito vulnerável. Tudo o que está à sua volta parece ameaçá-lo constantemente. Ele tenta orientar sua vida de modo a seguir adiante e ir o mais longe possível. Então, ele procura a proteção das pessoas que pensam como ele e a quem ele se juntou. Elas estão sempre se consultando umas às outras em longas conversas íntimas, e lêem muitos livros em que outras pessoas relatam suas próprias viagens.

Ele se aproxima do ponto mais alto da ponte, mas nem sempre vê o seu fim. Na luz que aumenta cada vez mais, ele vê algumas estruturas, imagens abstratas cheias de promessa. Ele fala a respeito disso para seus amigos, com entusiasmo e encantamento – ele joga fora a máscara e se sente extremamente vulnerável – mas os outros não vêem as coisas na mesma perspectiva que ele. Eles só têm olhos para suas próprias imagens e pensamentos. Eles não acreditam nele. Mesmo os amigos mais chegados, aqueles com os quais ele tem mais afinidade, observam-no sem compreender nada. Ele se sente só, e muitas vezes até completamente traído por seus companheiros de via-

gem que o atacam em sua fé, que é sagrada para ele.

MUDANDO DE DIREÇÃO

Tendo chegado ao ponto mais alto, parece-lhe que durante todo esse tempo seu mestre interior foi a Luz. Os sistemas e as imagens que ele entreviu não passavam de máscaras que o protegiam da impiedade exterior. Estas máscaras, estas miragens desaparecem então, e ele vê a realidade: e o que ele projetava para o exterior torna-se interior.

INCONDICIONALIDADE

Ele sempre espera ter de abandonar seu mundo de ilusões na ponte. Agora está feito: e não foi ele quem completou o caminho, mas sim a Luz dentro dele! Ele participa disso completamente! Já não existe ponte no exterior, e já não há caminho no interior. Ele está no mundo e ainda não voltou para sua verdadeira pátria. E ele está sempre constatando inúmeras falhas dentro dele e ao seu redor. Mas ele também sente que a Vida verdadeira, que quer se manifestar neste mundo, é tão grandiosa que ninguém pode tocá-la.

Ele continua sua viagem através do mundo. Até o ponto central, até a origem, que é a Vida. Ele reconhece todos aqueles que seguem com ele o mesmo caminho, ou que já o realizaram completamente.

Ele afastou definitivamente todas as suas esperanças a respeito do mundo e da humanidade e se mantém na realidade de todos os dias, sem impor condições. As experiências se transformam em realização. Ele já não tem nenhuma "obrigação" a fazer. Estupefato, ele sente a Luz dentro de si mesmo.

Ela irradia sua beleza, que mostra a coesão entre todas as coisas. Ele vê e aceita o fato de que o mundo e suas criaturas são como são, com todo o

*Agora, pois,
permanecem a fé,
a esperança e o amor,
estes três; mas o maior
destes é o amor.*

bem e com todo o mal que reinam dentro deles. Ele sabe que é responsável com relação à Vida, por suas palavras e seus atos, que se manifestam dentro dele e ao seu redor sob a forma de Amor. Ele oferece sua esperança ao mundo e aos seus semelhantes e, com todos os poderes de que dispõe, ele "combate" o mal: ou seja, aquilo que se desviou de Deus.

INVULNERABILIDADE

Ele experimenta a alegria de ter quase chegado a um porto seguro. Ele está cheio de esperança e completamente revivificado. O mundo o considera um eterno otimista. A sua fé se tornou em sabedoria, sua esperança em verdade.

AMOR

"Agora, pois, permanecem a fé, a esperança e o amor, estes três; mas o maior destes é o amor."

“TUDO AQUI ME AGRADA, MENOS EU MESMO”

O conhecimento das dimensões aumentou no decorrer dos séculos. Antes da Renascença, os pintores tinham pouca idéia da perspectiva. Eles representavam a profundidade, o espaço, o tamanho, as linhas e os planos de forma aproximada.

A pesar das realizações fantásticas tais como as pirâmides do Egito, os templos gregos e as construções romanas, nem sempre era fácil para os artistas representar três dimensões sobre a tela ou o papel com duas dimensões. Eles eram muito hábeis no desenho e na pintura com duas dimensões, mas representar o espaço e a profundidade sobre uma superfície plana não era ainda uma técnica bem dominada.

Foi só no século XV que o arquiteto florentino Brunelleschi sugeriu o método do ponto de fuga³ imaginário sobre a superfície plana. No apogeu da Renascença italiana, a filosofia, a arte e a cultura se desligaram dos dogmas da Igreja, e instalou-se um clima que favorecia a evolução da consciência. Numerosos conceitos ainda desconhecidos surgiram nas mentes inteligentes.

Olhar em perspectiva é uma questão de consciência. Há pessoas que olham conscientemente as coisas como através de um binóculo: elas vêem os detalhes à distância. Outras vêem em perspectiva, como com olhos de peixe: elas têm um olhar abrangente, e sondam o espaço, vendo ao mesmo tempo o que está na frente e nos lados, ou então o chão onde elas estão ao mesmo tempo que o céu nebuloso acima de suas cabeças.

A QUARTA DIMENSÃO

O mundo e tudo o que nele acontece pode ser medido e representado em três dimensões: comprimento, altura e profundidade. Essas três dimensões limitam a consciência humana, mas, por trás delas e através delas, existe também uma quarta dimensão que suscita muita reflexão e especulação. Pensa-se, por exemplo, que fatores como o tempo, a vida e a luz relacionam-se com essa dimensão desconhecida; e dizem até que se trata da quase onipresença à qual as pessoas tentam chegar com a internet ou com o avião supersônico... Diversas partes da literatura da Rosacruz Áurea atual direcionam-se para essa quarta dimensão. Isso fala muito à imaginação e pode conduzir o pensamento a uma direção inesperada; ou então, num certo momento inesperado, fazer surgir uma resposta clara que explica tudo.

Uma dessas passagens aparece, por exemplo, nos comentários de Jan van Rijckenborgh sobre *Christianopolis*, de Valentin Andraea. Trata-se de alguém que naufragou em uma ilha minúscula, que não é maior do que uma moita. “Tudo me agrada aqui, menos eu mesmo”, declara o náufrago. Essas palavras só podem vir de alguém que possui um grande conhecimento de si mesmo, conhecimento adquirido à custa de muitas experiências.

TEMPESTADES DE INVEJA E DE CALÚNIA

O náufrago havia deixado um mundo que só mostrava tirania, impostura



e hipocrisia. Ele as havia suportado, sem dúvida, mas mesmo assim partiu à procura de um outro mundo. Durante a viagem, ele havia afrontado múltiplos perigos inerentes ao desejo de conhecimento. Uma vez no mar, o navio Fantasia teve que enfrentar tempestades de inveja e de calúnia. Altas ondas rebentavam e o barco acabou encalhando. Quando o naufrago retornou à consciência, percebeu que ele era o único sobrevivente e que só lhe

restava a sua camisa.

Ele denominou a ilha milagrosa na qual havia sido jogado *Caphar Salama*, nome esotérico que evoca “a Sabedoria onipresente e o Amor divino”, que são concentrados por cabeças, corações e mãos humanas em um foco espiritual.

Essa ilha tinha muitos guardiães e um deles o questionou sobre a finalidade de sua viagem. Em seguida, pediu-lhe que o seguisse até a cidade

Purificação ritual.
(Pintura em perspectiva, Ajanta, Índia, mais ou menos 500 d. C.)

de *Christianopolis*, onde a população lhe forneceu o necessário com a benevolência habitual para os estrangeiros e os exilados. O guardião acrescentou:

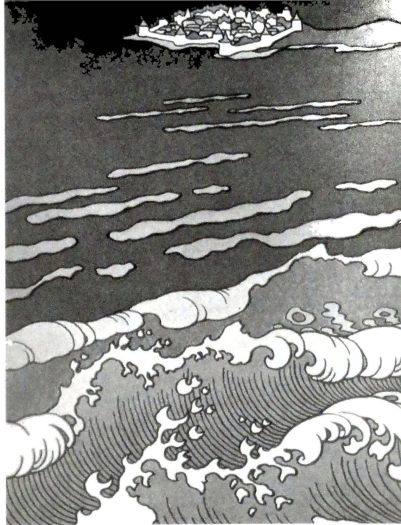
“*Podeis considerar-vos feliz por terdes sido lançado sobre este solo depois de um naufrágio tão terrível!*” E o naufrago respondeu: “*Graças sejam dadas a Deus! Que Deus seja louvado!*”

Para quantos dentre nós o naufrágio interior ainda deve acontecer? Seja qual for seu ponto de partida, a ilha de Caphar Salama os aguarda. E eles nela chegarão um dia, inelutavelmente. Esse pequeno torrão de terra será então o único solo sólido, sua única salvação!

OS MATERIAIS DE CONSTRUÇÃO

Uma Escola Espiritual autêntica é esse pequeno pedaço de terra firme no mar encapelado da vida. O Princípio magnético no coração também é o único pequeno pedaço de terra firme no ser interior do pesquisador. A Rosa, essa centelha original, essa ínfima parte dele mesmo, é o ponto de toque do Reino imutável nele. E esse ponto pode fornecer todas as indicações e todos os materiais de construção para o restabelecimento completo do naufrago. Graças a isso, ele pode reconstruir um novo barco, o novo corpo capaz de fazê-lo penetrar na quarta dimensão.

A cidade de *Christianopolis* apresenta dois aspectos. Por um lado, ela é tridimensional, o que quer dizer mensurável, tangível, construída com materiais de matéria bruta. Mas por outro lado – e este é o seu aspecto mais importante – ela possui também quatro dimensões. Em outras palavras: ela



é a porta da iniciação para uma vida inteiramente nova. Ela dá acesso à sublime comunidade das almas que moram em dois mundos.

No sentido tridimensional, *Christianopolis* é a comunidade estabelecida no mundo por cabeças, corações e mãos humanas. No sentido quadridimensional, *Christianopolis* pode ser habitada por todos aqueles que naufragaram interiormente e reencontraram seu mais profundo ser.

A ABSOLUTA RENÚNCIA DE SI MESMO

A quarta dimensão torna-se realidade quando a Consolação divina, a Força do Espírito Santo, desce na alma que aspira pela libertação, após todos os seus sofrimentos e suas lutas.

Quando a natureza inferior é estralçada e o ser é animado por um ardente desejo de auxiliar seu próximo, ele sacrifica tudo o que possui e oferece sua alma para libertar seu próximo e guiá-lo para a vida superior, em total abnegação de si mesmo, segundo o sublime exemplo de Jesus, o Cristo. É



nessa senda de amor por tudo o que tem vida que o Novo Homem cresce – não mais o homem que existe unicamente para seu eu, mas sim aquele que segue o caminho da alma.

O Novo Homem é um homem resoluto, que providencia tudo o que é necessário para se tornar apto para o novo processo. Ele submete sua vida diária à Força divina que está esperando para manifestar-se em seu coração. Essa Força é sétupla. Ela engloba e contém os sete universos e pode, portanto, conduzir a sete nascimentos.

SEM OFENDER NINGUÉM

Quem é capaz de liberar essa força em si, que consegue fazê-la circular em seu ser, não pode fazer de outra forma a não ser mudar fundamentalmente. O santuário da cabeça recebe então faculdades completamente diferentes. O homem-João, o precursor, se põe a caminho. Ele se distancia interiormente da vida conformista comum, sem ofender ninguém e sem negligenciar seus deveres. A vida con-

formista, então, perde seus estáveis valores adquiridos. Torna-se um deserto que ele deve atravessar.

Qualquer um que assim parte – com João Baptista – acaba encontrando Jesus, a nova Alma. Ele coloca sua vida nas mãos desse novo guia, voluntariamente, conscientemente e em total confiança.

Ele entra na quarta dimensão, a dimensão a partir da qual ele pode trabalhar para aqueles que continuam girando em círculos nas três primeiras dimensões. Ele se torna pescador de homens. Ele acolhe os naufragos e os conduz à cidade de *Christianopolis*.

Será que esse caminho é impraticável para o homem do século XXI? Sim, se ele continua a se colocar sob o ponto de vista da consciência de seu eu, pois o eu não pode ver além das três dimensões. Ora, o eu tenta representar para si mesmo a quarta dimensão e percebe que isso lhe é impossível! Mas isso não significa que o caminho seja impossível! Vamos supor que o princípio da alma eterna comece a agir em vós, que ela vos chame, vos acene, insista, mas que vós desviáveis todas essas sugestões: então vós é que sois o obstáculo. Esta é a grande descoberta a ser feita.

“*Tudo me agrada, menos eu mesmo!*” Chegando na ilha, nós aprendemos o que é um olho imparcial, uma língua dominada, um comportamento adequado. Só adquiriremos o olho imparcial se não observarmos mais com o eu. O olhar muda quando o verdadeiro amor ao próximo jorra do mais profundo do ser. A consequência é uma língua dominada, para evitar ofender os outros e arrepende-se em seguida. O olho imparcial procura os homens perdidos para elevá-los e impulsioná-los em direção à vida no-

Esse pequeno maço de ervas é sua única terra firme.

(Ilustração de Iwan Bilibin, 1905. Conto do Czar Saltan de Alexandre Pouchkine, dedicado ao compositor Rimsky – Korsakov).

va, à vida superior. E a língua dominada dá testemunho de tudo o que é útil para alcançar a paz eterna. Esse desejo do olho e da língua, de servir à Luz, ocasiona, sem forçar, o comportamento justo em relação ao Universo e aos seus habitantes.

ENVOLVIDO POR SABEDORIA E AMOR

O olho imparcial, a língua dominada e o comportamento adequado são três pontos que se fundem em um só ponto de fuga não imaginário, o qual descobre uma perspectiva absolutamente nova. Pois, nesse ponto de fuga, o eu desaparece e surge o homem que não tenta impressionar seu próximo com a boca empanturrada de lições, de teorias, de belas palavras, de idéias admiráveis... Além disso, o homem que penetrou na quarta dimensão tem o poder de envolver com amor e sabedoria a todos aqueles que estão extraviados e que estão vagando por aí. Seu comportamento justo é o indício de um caminho totalmente novo: o caminho da quarta dimensão.

Aquele que sobe a bordo do barco "*Fantasia*" parte em busca do verdadeiro homem em si mesmo, o Homem com H maiúsculo. Depois de seu naufrágio, nós não lhe desejamos as boas-vindas nas praias mundanas, mas sim nessa pequenina ilha de *Caphar Salama*, onde ele é convidado a entrar na cidade de *Christianopolis*. É aí que ele aprenderá tudo o que ainda precisa saber. Ele aprenderá a ver tudo a partir de uma perspectiva diferente. Aos olhos de quem nunca foi lá, *Caphar Salama* nada mais é do que uma pequena porção de terra. Mas aos olhos de um naufrago, ela é a única chance de sobrevivência: uma região que oferece inúmeras e maravilhosas possibilidades desconhecidas, mas todas elas inspiradas pelo amor.

A imensa multidão de contadores

de vantagens, de falsos mendigos, de charlatães, de farsistas, de intrigantes e de fanáticos que querem visitar a ilha como turistas nela não encontrarão nada; enquanto que aqueles que aceitarem aprender a ver, a falar e a viver segundo idéias totalmente novas, descobrirão capacidades sem precedentes... com a condição de que, suas personalidades tenham naufragado, que eles tenham se tornado livres de preconceitos e condicionamentos, tenham retornado ao estado de criança e que assim suas vidas tenham tomado um novo rumo. Eles encontrarão na ilha todas as condições para uma evolução bem sucedida.

Então, o guardião da ilha poderá acolhê-los, dizendo: "*Não há motivo para que não possais dispor de nosso bem.*"

²⁵ Ponto imaginário para o qual convergem todas as linhas paralelas num desenho em perspectiva.



*"Tua alma sedenta busca a água oculta,
essa Água da Vida que flui, eternamente,
da Fonte divina que jamais se esgota."*

(A Água da Vida, p31)